

Frida Kahlo / El Abrazo de Amor del Universo, la Tierra (México), Diego, Yo y el Sr. Xolotl / 1949. Disponível em www.oceiwm.com/galleria/maestri/galleria.php?id=464&catalog=plif&lang=pt

Depois de mais de dois meses de recesso, é com alegria e entusiasmo que a revista *IHU On-Line* retoma hoje a veiculação semanal de suas edições. A presente edição, inspirada pelo Dia Internacional da Mulher, discute a evolução do movimento feminista, evidenciando um novo tipo de ser mulher que aponta, ao mesmo tempo, para modelos alternativos de masculinidade.

Assim entrevistamos pesquisadoras e pesquisadores, como o sociólogo francês Alain Touraine, autor do livro *Le Monde des Femmes*. Touraine fala sobre a “sociedade de mulheres”, onde “o tema da sexualidade ocupa o lugar central, que era antes, na sociedade industrial, o trabalho”. O desafio é “compreender por que as mulheres estão na origem da nova sociedade e da nova cultura que se forma sob nossos olhos”. Segundo Touraine, “foram as mulheres que inventaram uma sociedade situada além da separação dos homens e das mulheres”.

Contribuem também nesse debate André Musskopf, teólogo, professor no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia, de São Leopoldo; Adriana de Souza, membro do Grupo de Pesquisa de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL, da

Uma sociedade de mulheres?

PARA ALÉM DA SEPARAÇÃO DE HOMENS E MULHERES

Editorial

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP); Clair Ribeiro Ziebell, professora no curso de Serviço Social da Unisinos e ex-coordenadora da Assessoria a Movimentos de Mulheres da Universidade; Fernanda Lemos, professora na Faculdade de Teologia Avivamento Bíblico, de São Paulo; Georges Boris, professor do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza; Ivone Gebara, teóloga e escritora paulistana; Rose Marie Muraro, escritora; e Telma Gurgel da Silva, professora na Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

No dia 8, Dia internacional da Mulher, o IHU Idéias celebra os 50 anos da morte de Frida Kahlo. A Profa. Dra. Edla Eggert lembra o evento na entrevista publicada neste número.

A edição desta semana traz também a síntese da conferência de Jon Sobrino, teólogo jesuíta, proferida no II Fórum Mundial de Teologia e Libertação, realizado em janeiro último, em Nairobi. Os filmes da semana são os dois de Clint Eastwood: *Conquista da Honra* e *Cartas de Iwo Jima*.

A *IHU On-Line* nesta edição inicia uma nova editoria: *Perfil Popular*. Como o nome já diz, a nova editoria trará o perfil de alguém que, mesmo não vivendo no mundo acadêmico, sempre tem o que ensinar. Contaremos a história de vida e a visão de mundo de pessoas que lutam pela sobrevivência e pela dignidade e que, apesar das dificuldades, têm sonhos e anseios de uma vida melhor.

A todas e todos uma boa semana e uma excelente leitura!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Alain Touraine: As mulheres na origem da nova sociedade

PÁGINA 05 | André Musskopf: Crise nas relações de gênero: a busca por uma outra sociedade

PÁGINA 08 | Adriana de Souza: Uma “balançada” na estrutura social

PÁGINA 12 | Fernanda Lemos: A mulher como sujeito de sua própria história

PÁGINA 18 | Ivone Gebara: “A crise do masculino se situa na falta de sua nova identidade”

PÁGINA 21 | Georges Daniel Janja Bloc Boris: “O homem e a mulher vêm se transformando ao longo do tempo e manifestam-se diferentemente conforme o contexto em que vivem”

PÁGINA 26 | Rose M. Muraro: “O mundo com mais mulheres tem menos guerra, menos violência e menos corrupção”

PÁGINA 29 | Telma Gurgel da Silva: O feminismo como um movimento de transformação social

PÁGINA 32 | Clair Ziebell: A necessidade de luta pelo respeito aos direitos das mulheres

B. Destaques da semana

» ARTIGO DA SEMANA

PÁGINA 35 | Silvia Feraboli: A política externa americana para o Oriente Médio: petróleo, poder e ideologia

» FILME DA SEMANA

PÁGINA 38 | Cartas de Iwo Jima e Conquista da Honra

» TEOLOGIA PÚBLICA

PÁGINA 42 | Jon Sobrino: A eterna tentação de negar a realidade

PÁGINA 48 | DESTAQUES ON-LINE

PÁGINA 50 | FRASES DE SEMANA

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 51 | Jesus Cristo “Superstar”

PÁGINA 53 | Edla Eggert: Frida Kahlo, as mulheres e a solidariedade que se estabelece pela dor

PÁGINA 55 | Páscoa 2007

PÁGINA 56 » PERFIL POPULAR | Mauro Nunes da Silva

PÁGINA 59 | Sala de Leitura

PÁGINA 59 | Carta do Leitor

PÁGINA 60 » IHU Repórter | Paulinho Brand

As mulheres na origem da nova sociedade

ENTREVISTA COM ALAIN TOURAINE

Falar sobre o papel das mulheres na sociedade contemporânea não é missão difícil para o sociólogo francês Alain Touraine, autor do livro Le Monde des Femmes. Paris: Fayard, 2006, no qual ele fala da “sociedade de mulheres” onde “o tema da sexualidade ocupa o lugar central, que era antes, na sociedade industrial, o trabalho”. O desafio é “compreender por que as mulheres estão na origem da nova sociedade e da nova cultura que se forma sob nossos olhos”. Segundo Touraine, “são as mulheres que inventaram uma sociedade situada além da separação dos homens e das mulheres”. Por essa razão, IHU On-Line entrevistou, por e-mail, o renomado autor de Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje (Petrópolis: Vozes, 2006).

Touraine tornou-se conhecido por ter sido o pai da expressão “sociedade pós-industrial”. Ele acredita que a sociedade molda o seu futuro através de mecanismos estruturais e das suas próprias lutas sociais. O ponto de interesse vital da sua carreira tem sido o estudo dos movimentos sociais. Em seus escritos, Touraine aponta para as transformações pelas quais a sociedade moderna e industrial vem passando. Para Touraine, a sociedade pós-industrial, longe de acabar com os conflitos, generaliza-os. É autor de, entre outros, A sociedade pós-industrial (Lisboa: Moraes, 1970).

Eis a íntegra da entrevista exclusiva concedida à IHU On-Line.

IHU On-Line - Como se deu a evolução do movimento feminista através da história e qual foi o papel e a função do movimento de mulheres na atualidade?

Alain Touraine - O movimento feminista foi inicialmente político, para obter o direito de voto para as mulheres. A Grã-Bretanha foi o centro mais ativo dessas lutas. Em seguida, o objetivo principal se tornou a liberdade cultural da mulher, em particular naquilo que concerne ao seu corpo. Os sucessos obtidos foram consideráveis, por exemplo, na França, com as leis Neuwirth, da contracepção, e Veil, do aborto. Mais

recentemente, o tom se tornou mais pessimista com as campanhas contra a desigualdade e, sobretudo contra as violências sofridas pelas mulheres. Alguns economistas pensam mesmo que, em matéria profissional, a posição das mulheres recuou.

IHU On-Line - Quais são os principais impactos para a autonomia da mulher, como ser social, dos progressos da ciência e da tecnologia?

Alain Touraine - As descobertas da biologia permitiram



evidentemente o controle da fecundidade. No entanto, é cada vez menos por referência ao feminismo que se desenvolve o debate sobre essas tecnologias da reprodução. Basta mencionar a oposição extrema da Igreja Católica.

IHU On-Line - Quais são os maiores anseios da mulher contemporânea? O que ela deseja mais fortemente?

Alain Touraine - Esta questão é bem-vinda, pois a gente não pode se satisfazer com uma visão puramente negativa, quer dizer, de uma luta contra os danos sofridos, que faz da mulher uma pura vítima. Os debates legislativos ou jurídicos não devem esconder o que me parece o essencial. As mulheres adquiriram hoje uma posição dominante numa nova posição da cultura. Elas já desfrutavam do papel principal no movimento por um desenvolvimento durável e na defesa do meio ambiente (Cf. M. Brundtland¹). Mas, de maneira não-espetacular, porém durável, as mulheres desenvolvem uma nova visão para elas próprias e para os homens, à qual estes últimos não se opõem. Poder-se-ia falar de pós ou neofeminismo para falar destas mudanças que me parecem fundamentais. A sociedade dos homens tende a dar a prioridade à conquista do mundo. As mulheres envolvem totalmente a sociedade em direção a uma nova prioridade, a da construção de si própria. Mais precisamente, quando a sociedade masculina impulsionava ao máximo a polarização da sociedade entre uma elite e uma massa, as mulheres procuram reunificar os elementos que foram

¹ Relatório Brundtland: É o documento intitulado **Nosso Futuro Comum**, publicado em 1987, também conhecido como Relatório Brundtland, no qual o desenvolvimento sustentável é concebido como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”. No início da década de 1980, a ONU retomou o debate das questões ambientais. Indicada pela entidade, a primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, chefiou a Comissão Mundial sobre

separados: vida pública e vida privada; sexualidade e espírito. É bem claro que são hoje as mulheres que tomam a palavra e que os homens, ou se calam, ou aprovam a linguagem das mulheres. O velho machismo desapareceu em grande parte, salvo em certos meios de alguns países, em particular da vida política.

IHU On-Line - Quais são as conseqüências sociais de uma mulher autônoma, independente do homem?

Alain Touraine - As mudanças em curso, na família como na vida sexual, não são, provavelmente, efeitos antes de tudo do feminismo. Mais exatamente, observa-se a separação da sexualidade e da vida cultural em geral e a construção propriamente social de um modelo de família e também de menor dominação masculina. Estamos apenas no início de uma evolução rápida que separará condutas sexuais sempre mais diversificadas e a construção da vida familiar, tomando, ela própria, formas muito diversificadas. A relativa facilidade com a qual se avança para o reconhecimento do casamento homossexual indica que as barreiras tradicionais se enfraqueceram consideravelmente.

IHU On-Line - Como se caracteriza a "sociedade de mulheres" da qual o senhor fala?

Alain Touraine - Quando eu falo de sociedade de mulheres, eu não faço nenhuma referência a nenhuma "feminilidade" ou a nenhum caráter psicológico próprio das mulheres, e falar de feminização da sociedade me parece absurdo. Quando eu falo de uma sociedade de mulheres eu me refiro a um tipo de sociedade e de cultura caracterizada pelo desaparecimento acelerado de uma politização entre os dois sexos, com uma dominação masculina. Foram as mulheres que

o Meio Ambiente e Desenvolvimento, para estudar o assunto. (Nota da IHU On-Line)

inventaram uma sociedade situada além da separação dos homens e das mulheres.

IHU On-Line - Qual é a contribuição do feminino para a sociologia contemporânea? O que há de diferente no "olhar" feminino sobre a vida?

Alain Touraine - A sociologia das mulheres é, aos meus olhos, uma parte essencial de uma sociologia geral. Já agora, uma grande parte dos debates da filosofia política e social e da sociologia é construída sobre os problemas postos pela situação e a ação das mulheres. Nossas sociedades modernas são dominadas pelo recentramento

sobre o indivíduo, considerado em todas as suas funções e em seus direitos. Pode-se, também, dizer que o tema da sexualidade ocupa aí o lugar central, que era antes o do trabalho na sociedade industrial e são as mulheres que escrevem as obras mais essenciais neste domínio. Não é preciso deixar-se limitar aos problemas da desigualdade. É preciso eliminar toda referência mais ou menos psicológica ao feminino. Em troca, é preciso compreender por que as mulheres estão na origem da nova sociedade e da nova cultura que se forma sob nossos olhos.

Crise nas relações de gênero: a busca por outra sociedade

POR ANDRÉ MUSSKOPF

*O teólogo luterano André Sidnei Musskopf, professor no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia (EST) de São Leopoldo, é um estudioso das relações de gênero. Ele escreveu um artigo especialmente para a IHU On-Line, a nosso pedido, no intuito de contribuir com a temática levantada na matéria de capa da edição desta semana. André é também pesquisador na área de Teologias GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), Teoria Queer, Estudos de Gênero e Masculinidade. Graduado em Teologia, pela EST, é mestre em Teologia, também pela EST, com dissertação intitulada *Ministérios Ordenados e Teologia Gay - Retrospectiva e Prospectiva, sobre a ordenação de pessoas homossexuais, e doutorando em Teologia na EST. É autor de Uma brecha no armário - propostas para uma teologia gay. São Leopoldo: Sinodal, 2002 e organizador, juntamente com Marga J. Ströher e Wanda Deifelt, do livro, A flor da pele - Ensaio sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2004. A IHU On-Line realizou uma entrevista com o teólogo André Musskopf, sob o título Identidade masculina e corporeidade, publicada na 114ª edição, de 6 de setembro de 2004, e outra entrevista na edição número 121, de 1º de novembro de 2004, sobre o tema À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay - seus dilemas e possibilidades, apresentado pelo professor André Musskopf no IHU Idéias de 4 de novembro daquele ano O texto está publicado no Cadernos IHU Idéias número 32, disponível para download no site do IHU (www.unisinos.br/ihu).**

Eis o artigo na sua íntegra:

É impossível pensar a "condição da mulher" na atualidade sem considerar a história do Movimento Feminista, e de todos os "movimentos sociais de libertação" das últimas três décadas. Nos campos teórico e acadêmico, a reflexão feminista questionou epistemologias metafísicas ao introduzir o corpo e o cotidiano nas discussões, com todas as implicações práticas que esta abordagem pressupõe e implica. No campo do movimento social de mulheres, a luta política por reconhecimento e desenvolvimento de uma agenda de direitos e proteções garantiu um novo espaço de atuação para as mulheres. Isso revolucionou as formas de pensar e conviver nas relações de gênero.

No entanto, no decorrer da história do Movimento Feminista, mudanças e deslocamentos significativos foram influenciando tanto os desenvolvimentos teóricos quanto as perspectivas políticas assumidas pelo Movimento. Estas mudanças e deslocamentos certamente precisam ser compreendidos dentro de um contexto histórico-político-econômico-cultural-religioso amplo, que tanto foi influenciado quanto influencia seu desenvolvimento. É certo que temas como violência contra a mulher, direitos reprodutivos e acesso aos meios de produção e consumo continuam sendo relevantes para o Movimento Feminista, mas mesmo esses temas são alargados e ressignificados no diálogo com outros movimentos e a partir de contextos específicos.

“Condição feminina”

Um dos grandes perigos que sempre rondou (e ainda ronda) o Movimento de Mulheres foi a essencialização de algo como uma "condição feminina", à parte de outros elementos constituintes das identidades. Essa crítica, aliás, surgiu muito cedo no interior do próprio Movimento das mulheres que traziam elementos complicadores de um discurso simples sobre a perspectiva da mulher (como raça/etnia, classe social, orientação sexual etc.). Slogans como "ninguém nasce mulher, se torna mulher" ou "o

pessoal é político", ofereceram abertura suficiente para que outros elementos da construção da identidade de mulheres entrassem no debate, articulando questões que o Movimento Feminista inicial talvez nem pudesse vislumbrar. Estes outros elementos, aliás, puderam emergir e passaram a fazer parte das discussões e perspectivas políticas por causa de movimentos paralelos que se organizaram neste período em torno de construções identitárias (como Movimento Negro, Movimento Homossexual, Grupos Indígenas) ou de enfrentamento político (como Movimento Antibélico nos Estados Unidos, grupos de resistência aos regimes ditatoriais latino-americanos, partidos políticos de esquerda etc.) e as alianças que se estabeleceram entre estes diferentes atores sociais.

O desafio da interlocução e diálogo

As interconexões entre estes diversos movimentos e construções identitárias estão longe de serem resolvidas e são centro de vários debates na atualidade. A busca por interlocução e diálogo está, em muitos casos, apenas iniciando e é o grande desafio não apenas de relações de gênero, mas das relações humanas em todas as esferas de interação. O próprio conceito de o que é uma mulher na atualidade foi sacudido pelos avanços tecnológicos e reivindicações de determinados grupos. Veja-se a recente discussão acalorada em torno da participação de pessoas trans (transexuais, transgênero e travestis) nos encontros e debates do Movimento Feminista Latino-Americano, e o surgimento de categorias como self-identified woman (pessoa que se auto-identifica como mulher). É fato que é impossível falar em qualquer forma de relação, ignorando as implicações de gênero que engendram de formas históricas e culturais de organizar as relações.

Relações de gênero

Assim sendo, é factível afirmar que as relações de gênero estão sob constante pressão, visto que todo tipo de mudança representa conflito e negociação constantes entre modelos antigos conhecidos e confortáveis e novos modelos em construção. Estas tensões também se materializam em formas renovadas, e às vezes intensificadas, de violência e policiamento. Isso é especialmente verdade para os homens, cujo interesse nas mudanças está diametralmente em oposição aos privilégios históricos aos quais se acostumaram. Estes privilégios, por mais desumanizantes e ilusórios que sejam (veja-se como exemplo a relativa baixa perspectiva de vida devido aos problemas de saúde associados a um determinado estilo de vida identificado como masculino), impedem a busca e a construção de modelos alternativos de masculinidade.

A “crise do macho”

Tenho argumentado que a tão falada “crise do macho” tem levado a um “maquiamento” de construções identitárias masculinas com elementos contemporâneos que supostamente tornam os homens “mais femininos”, sem, no entanto, questionar o sistema de gênero hierárquico que estrutura as relações. Também mulheres empregam estas técnicas e estratégias na construção de suas identidades e na ocupação do espaço social, na medida em que se “masculinizam” (adotando características consideradas “masculinas”) e participam deste sistema. Da mesma forma, outras construções identitárias (que envolvem questões de raça/etnia, classe social, orientação sexual, deficiências físicas) em certos casos conseguem ascender e ocupar posições sociais de destaque na Era do “politicamente correto”, ainda quando milhões de pessoas seguem sendo excluídas, marginalizadas e violentadas por estarem fora de determinados padrões. Daí que surgem as comuns afirmações: “você pode ser... desde que...”, ou, “ela é... mas trabalha muito bem”. Desta forma se populariza a

idéia de que vivemos numa democracia onde, afinal, todas as pessoas têm acesso aos meios de produção e reprodução (desde que e/ou apesar de).

Modelos alternativos de masculinidade

É muito recente a discussão em torno dos estudos sobre masculinidade desenvolvida pelos próprios homens. Com exceção do Movimento Homossexual, especialmente de homens gays envolvidos nesta reflexão, ainda são escassas as tentativas de construção de modelos alternativos de masculinidade. Ainda que cresça o número de “homens feministas”, os questionamentos dos papéis de gênero desempenhados por homens são relativamente pouco problematizados, sendo difícil falar num movimento social que tenha uma agenda política “masculina” de construção de um novo sistema de gênero. Até porque um tal movimento precisaria criar estratégias diferentes do Movimento Feminista, uma vez que não se trata de resguardar ou garantir direitos básicos, mas de se envolver de maneira concreta na prática de novas relações, considerando a interseção com questões de raça/etnia, classe social, sexualidade, em todas as esferas de interação humana (política, economia, religião etc.).

A estrutura social das relações

O que está em jogo é a forma como organizamos e estruturamos socialmente as relações. Numa época em que se fala em pós-capitalismo, em que se assume a globalização como um fato, de idas e vindas entre reacionarismos de direita e avanços relativos de esquerda, o grande desafio é pensar e experimentar relações saudáveis e relevantes para todas as pessoas. Gênero, e as reivindicações do Movimento Feminista, sem dúvida são parte essencial deste projeto de uma outra sociedade, mas precisam estar articulados com uma discussão ampliada em torno da construção das identidades e seu papel social. Não é mais possível

articular respostas simplistas para questões complexas, embora os movimentos sociais, como o Movimento Feminista, continuem necessitando articular reivindicações muito concretas para superar as diversas

formas de violência a que mulheres e outros grupos são submetidos diariamente. Mas estas reivindicações precisam estar no contexto de uma proposta de uma outra sociedade.

Uma “balançada” na estrutura social

ENTREVISTA COM ADRIANA DE SOUZA

“Não se pode negar que as mudanças no papel do feminino e, conseqüentemente, do masculino balançaram as estruturas sociais”, afirma Adriana de Souza, membro do Grupo de Pesquisa de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL, da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), em entrevista concedida por e-mail para a revista IHU On-Line. Adriana possui graduação em Teologia pela UMESP e mestrado em Ciências da Religião pela mesma universidade, na área de concentração Ciências Sociais e Religião, com especificidade em Relações de Gênero e Religião. Tem experiência na área de ciências sociais, com ênfase em sociologia e antropologia, atuando principalmente no tema da sociologia da religião, gênero e religião, poder, gênero e instituições.



Confira a íntegra da entrevista:

IHU On-Line - Ainda podemos dizer que a sociedade contemporânea se caracteriza pela dominação do masculino? Como se deu a construção e a evolução social da masculinidade e da feminilidade? O que mais mudou no homem e na mulher, comparando a modernidade com a contemporaneidade?

Adriana de Souza - Depende de que sociedade se fala. Ainda assim acredito que não devemos usar absolutos. Mesmo em momentos obscuros da história, houve rupturas da ordem. Falemos de Brasil. Acredito que a sociedade brasileira ainda é muito machista - falo de homens e de mulheres - o que sem dúvida ainda sustenta a suposta superioridade nata masculina, assim se pode falar de uma “dominação masculina”. Não presenciamos,

em nenhum outro tempo, uma feminização da sociedade como na atualidade, as mulheres cada vez mais conquistam novos espaços, então se ainda há uma masculinização da sociedade, ela tem sido truncada fortemente por uma feminização deste mesmo espaço social. De qualquer modo, é necessário haver aquela revolução simbólica da qual fala Bourdieu¹, é preciso haver mudança do habitus para que não apenas alcancemos ambientes antes circunscritos aos homens, mas para que a nossa mente capture a dimensão destas modificações e tenha sua concepção de mundo abalada. Um exemplo que pode ser mencionado é a chamada

¹ Pierre Bourdieu (1930 –2002) foi um importante sociólogo francês. (Nota da *IHU On-Line*)

dupla (eu diria múltipla) jornada que enfrentam as mulheres. A análise mostra que, embora, participem ativamente do mercado de trabalho, acumulam funções e papéis sociais, porque existem aquelas tarefas tidas como “femininas” que devem ser, por conseguinte, desempenhadas pelas mulheres, como o trabalho doméstico, o cuidado com as crianças, entre outras. O mais chocante em tudo isso é que há anuência por parte das próprias mulheres que reproduzem sua suposta função social sem questionamentos. Portanto, não está havendo compasso entre as mudanças sociais e as transformações nos campos do símbolo, das representações sociais, do habitus. É urgente haver sintonia.

IHU On-Line - Como as idéias de Bourdieu contribuem para a compreensão do fenômeno da dominação masculina na sociedade?

Adriana de Souza - Bourdieu coloca como centro de sua economia das trocas simbólicas a dominação masculina, afirmando que esta se expressa na nossa corporeidade, na nossa humanidade, naquilo que temos de concreto. Portanto, o nosso corpo é o palco das disputas pelo poder e vitima mulheres e homens, pois as construções de gênero, ao mesmo tempo que fazem da mulher um ser socialmente inferior, põem sobre o homem uma carga enorme de construções que abreviam o seu ser a normas severas. O corpo é, portanto, o lócus do exercício do poder por excelência. Desde que nascemos, nossos corpos sexuados definem qual será o nosso lugar nesta economia, se seremos dominados ou dominadores. É no corpo que o nosso capital cultural está inscrito. O corpo é a materialização da dominação. O seu conceito de habitus - uma rejeição ao objetivismo e à fenomenologia - consegue capturar a complexidade da realidade social.

IHU On-Line - Em que sentido a masculinidade influencia o campo religioso?

Adriana de Souza - O que mais me fascina no campo religioso é sua ambigüidade que faz das mulheres, ao mesmo tempo, desprivilegiadas e privilegiadas. Se por um lado, elas participam muito pouco dos espaços de poder e decisão, por outro, elas formam a grande maioria dos fiéis e vivenciam mais de perto a religião. É Linda Woodhead¹ que chama atenção para a complexidade desta relação. Ela sugere que é preciso elaborar uma grande teoria de gênero e religião para tentar compreender esta misteriosa relação entre a igreja e a mulher, em que, à primeira vista, pode parecer que dominados vivem em cumplicidade com seus próprios dominadores. Ela tem razão quando insiste nisso, pois a sociologia da religião, não obstante ser formada por grandes teorias, estas não incluem o gênero em suas análises da religião, ou, se o fazem, é de forma muito reduzida, ignorando a complexidade dos sujeitos estudados; e o pior, os estudos de religião insistem num sujeito universal abstrato, que é o homem. Negligenciar a construção social do gênero é ignorar uma gama enorme de informações que, sem dúvida alguma, interfere muito nos resultados de qualquer análise sociológica na modernidade.

IHU On-Line - A mulher ainda continua em posição subalterna nos domínios da Igreja

Adriana de Souza - Apesar de, em termos gerais, vislumbrarmos alguns avanços nas normas de algumas organizações religiosas, se pode verdadeiramente afirmar que a mulher ainda continua em posição subalterna nos domínios da Igreja, ou seja, o seu trabalho, ordenado ou não, enfrenta dificuldades de aceitação, não sendo reconhecido como legítimo por uma série de motivos.

¹ Linda Woodhead é professora do departamento de estudos religiosos da Universidade de Lancaster. (Nota IHU On-Line)

Não se pode negar que as construções de gênero configuram a atuação de mulheres e homens no interior das Igrejas e aqui elas se enrijecem porque são sacralizadas, adquirem caráter histórico e inquestionável. A Igreja, ainda que perdendo sua importância, tem papel fundamental na manutenção da ordem social, pois ela reforça esta ordem. Desse modo, é como um sustentáculo para a relação hierarquizada entre os sexos. Não obstante a dinâmica constante do campo religioso, a resistência das mulheres, a multiplicidade dos sujeitos, a complexidade destas relações e os poderes que envolvem esta luta, perfazendo uma grande trama de fugas e rupturas, na Igreja o homem ainda é a norma.

IHU On-Line - A autonomia da mulher contemporânea incomoda o homem? Como ficam as relações de gênero e as relações sociais em geral se considerarmos uma mulher mais autônoma e mais auto-suficiente em relação ao homem?

Adriana de Souza - Acredito que as mudanças sociais nos compelem a vivermos tempos novos, a reavaliarmos nossos valores e preceitos. Como já disse anteriormente, falta ainda a revolução simbólica, a desconstrução/reconstrução do habitus, das representações, daquilo que antecede a nosso modo de pensar e as nossas atitudes. Mas não se pode negar que as mudanças no papel do feminino e, conseqüentemente, do masculino balançaram as estruturas sociais, especialmente na segunda metade do século passado. Desde então, vários espaços e direitos historicamente negados foram adquiridos, por causa da persistente força das mulheres em manifestar seu repúdio a essas discriminações e exigir seus direitos de cidadãs e de sujeitos de direitos tais quais os homens. Devo ressaltar que este é ainda um processo inacabado. A qualidade destas transformações tem sido questionada por várias pesquisas, mas ainda assim, acho que temos mais a

comemorar que a lamentar. Assim sendo, estas mudanças incomodam a homens, a instituições - como a Igreja, tradicional por excelência -, e, por que não dizer, a mulheres também. Todos estes agentes sociais precisam se reencontrar após este “abalo sísmico” pelo qual passaram, e passam as estruturas sociais.

IHU On-Line - Como a senhora avalia o impacto das teorias feministas e das reivindicações das mulheres no mundo acadêmico?

Adriana de Souza - Quando falo em transformações causadas pelo movimento feminista, a idéia de uma trajetória em movimento me parece a melhor e o gerúndio se firma como a forma verbal que desenha esta realidade, porque há um antes, mas não há um depois definitivo.

A categoria gênero, que se desenvolveu a partir da década de 1960 é vista como marco histórico para este avanço das mulheres no mundo acadêmico. Efetivamente esta categoria de análise surge a partir dos anos 1980, com o objetivo de denunciar a exclusão do feminino e de outros grupos periféricos do conhecimento científico. De lá para cá, apesar de ser um conceito em construção, vem sendo utilizado extensamente por muitas estudiosas e estudiosos. O advento da categoria gênero relativiza dimensões antes fixas, como, por exemplo, a noção de história linear e progressiva que foi substituída pela idéia de “nuances, tendências e movimentos”, ou seja, deu-se atenção às “interrupções” da história, incluindo-as na análise, apontou-se a necessidade de se libertar de conceitos abstratos e universais, como a idéia do homem como sujeito da história por excelência. Além disso, os conceitos e categorias são historicizados e assim desmistificados.

O discurso da diferença

As teóricas feministas, no viés, seja marxista, seja liberal, têm se utilizado destas teorias para a

compreensão das formas como o discurso da diferença dos sexos ou classe é determinante para o lugar diferenciado de mulheres e homens na sociedade. As conseqüências destas teorias são vistas, especialmente, na definição da nova face que adquiriu o mundo científico. As mulheres fazem ciência e são parte dela, teorizam sobre gênero e sobre a sociedade de um modo geral. Reivindicam e retomam o discurso sobre si, agora não é mais um discurso sobre elas feito por homens, mas sim um discurso feito por elas. Sua presença não é mais negada, nem escondida atrás de um sujeito universal abstrato, o homem.

Um mundo liderado por mulheres

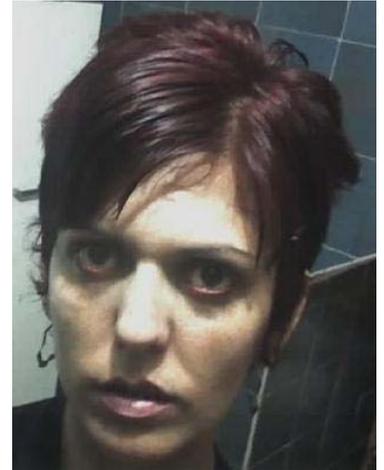
Prognósticos têm sido feitos de que um mundo liderado por mulheres será mais justo e fraterno, além de mais completo, no sentido de que as mulheres possuem esta

sensibilidade globalizante (porque foram socializadas para) que possibilita vislumbrar várias nuances de uma mesma realidade. Eu compartilho destas idéias, acredito que, em qualquer âmbito da sociedade onde haja a participação ativa das mulheres, a tendência é a melhora. Pesquisas evidenciam que estão se qualificando mais que os homens. Nos cursos de pós-graduação são elas a maioria e nos outros níveis educacionais também, além de serem melhores alunas. Todavia, em boa parte dos espaços sociais de atuação, na política, na religião, na tecnologia, entre outros, enfrentam os chamados “tetos de vidro” que, embora não se vejam, estão aí para impedir sua ascensão aos lugares de poder. No entanto, creio que a entrada das mulheres em qualquer campo traz embutido um grande potencial de transformação.

A mulher como sujeito de sua própria história

ENTREVISTA COM FERNANDA LEMOS

Fernanda Lemos, professora na Faculdade de Teologia Avivamento Bíblico, possui graduação em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e mestrado em Ciências da Religião pela mesma instituição. Atualmente, é doutoranda na área de Ciências Sociais e Religião da UMESp. A professora é também membro do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESp. Ela tem experiência na área de sociologia, com ênfase em Sociologia da Religião, atuando principalmente nos temas de religião, gênero, modernidade, discurso religioso e masculinidade. Ela concedeu a entrevista que segue, por e-mail, para a IHU On-Line. Em suas respostas, Fernanda Lemos afirma que “a religião, em seu processo de construção social, é marcadamente influenciada pelo masculino. Um dos exemplos mais marcantes que observamos está no cristianismo, que encontra em seu processo de evolução histórico-social um sistema patriarcal, em que a mulher desaparece no relato dos evangelhos como parte do movimento de Jesus”.



IHU On-Line - Como se dá a relação entre a representação social da masculinidade e a religiosidade contemporânea? A religiosidade hoje é mais caracterizada pelo masculino? Quais as conseqüências sociais disso?

Fernanda Lemos - A relação entre masculinidade e religiosidade é muito tênue, poderíamos até considerar que há um processo de imbricação entre essas duas esferas sociais. Se por um lado a religião informa ao homem e à mulher como devem se representar socialmente, por outro, há indivíduos que aceitam as imposições representativas legítimas da religião. A religião, em seu processo de construção social, é marcadamente influenciada pelo masculino. Um dos exemplos mais marcantes que observamos está no cristianismo, que encontra em seu processo de evolução histórico-social um sistema patriarcal, em que a mulher desaparece no relato dos evangelhos como parte do movimento de Jesus. Após longos séculos de

institucionalização do cristianismo, observamos uma religião “masculinizada” em que os acessos ao poder institucional estão legitimados pelo sexo. Dessa forma, ser homem ou ser mulher no âmbito religioso pode significar mais que uma representação sexual, e sim o acesso ao poder religioso. Esse fenômeno de “masculinização da religião” é possível graças aos símbolos que o cristianismo cristalizou. Um exemplo disso é que a própria imagem de Deus é humanamente associada à figura masculina. Pensar em um deus cristão feminino é simplesmente cair na heresia e “decretar a caça às bruxas”. O imaginário religioso é de um deus macho, forte e racional, logo, com características atribuídas ao masculino. Enquanto o imaginário da figura feminina sempre esteve associado à emoção e à fraqueza.

A imagem de Deus como homem

Numa pesquisa que realizei com homens que trabalhavam em uma universidade da região do grande ABC, no estado de São Paulo, grande parte deles afirmaram que imaginavam Deus como homem, pois o consideravam forte, com barba e racional, isto é, representações sociais masculinas informadas por longos séculos pela religião. Esse imaginário religioso masculino implica um problema contemporâneo para o homem e para a mulher. Para o homem contemporâneo todos os atributos e imposições representativas fazem-no ter que assumir posturas “másculas”, a fim de demonstrar uma identidade forte, grosseira, racional e violenta. Além do mais, a paternidade e a providência familiar colocam-no no topo da masculinidade, a hegemônica, aquela legitimada pela sociedade e pela religião. Mas pergunto: e quando o homem não consegue atingir as exigências da masculinidade hegemônica? Isso implica um problema contemporâneo, um beco sem saída. Se há uma pluralidade identitária oferecida pela modernidade, as masculinidades estão em constante conflito com “a masculinidade” da religião. Para a religião cristã, a homossexualidade ainda é compreendida como desvio de comportamento, logo, um homem que assuma sua sexualidade homossexual está sujeito a perder seu status na religião da qual faz parte, visto que converge com a masculinidade heterossexual imposta pelos sistemas religiosos.

As conseqüências para as mulheres de uma religião “masculina”

Enquanto para o homem, as conseqüências sociais de uma religião marcadamente influenciada pelo masculino impõem o conflito, do que a religião espera que ele seja e o que de fato ele é, para as mulheres as conseqüências são outras. O próprio mito de criação cristão informa que a mulher é responsável por toda a desgraça humana, que por ter dado ouvido à voz da serpente, todos os conflitos

sociais - deste período até a contemporaneidade - existem em decorrência dela, por sua culpa; graças a este episódio, ela é obrigada a ser submissa ao homem, e eternamente pagar por sua dívida irremediável e milenar. Essa relação entre masculinidade, feminilidade e religião contribui para a perpetuação das desigualdades de gênero, a violência simbólica vivida pelas mulheres e a imposição sobre o homem de possuir os atributos de Deus. Daí que no longo processo de construção social do masculino e do feminino a lógica é “se o homem é a representação de Deus aqui na terra, a mulher o é do diabo”.

IHU On-Line - Em que sentido a masculinidade influencia o campo religioso? E como se dá o processo inverso (influência do campo religioso na masculinidade)?

Fernanda Lemos - A masculinidade influencia no campo religioso da mesma forma que o campo religioso influencia a masculinidade. É um processo dialético e interdependente. Max Weber¹, um teórico da sociologia clássica, em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, no início do século passado, percebeu o imbricamento existente entre o campo religioso e o social. Observando a ética protestante, percebeu que há indícios de que a forma de vida ascética dos protestantes do século XVIII influenciou no surgimento do capitalismo. Esses indivíduos não freqüentavam bordéis, bares, festas, logo, todo o dinheiro que ganhavam servia para a subsistência e acúmulo de capital, o lema era “trabalhar

¹ Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Cem anos depois, a *IHU On-Line* dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o *IHU* publicou o *Cadernos IHU em Formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. (Nota da *IHU On-Line*)

o máximo possível e guardar tudo o quanto puder”. Essa ética protestante foi responsável pela formação da burguesia e toda sua forma de constituição do núcleo familiar.

A masculinidade como um projeto burguês

No que diz respeito à masculinidade e à religião, a pesquisa de Weber contribui para a percepção de que a masculinidade nada mais é que um projeto burguês, ancorado sem dúvida pelas idéias religiosas. Ser homem na religião implica assumir características da masculinidade “ditada” pelo sistema religioso, o desvio de tais características certamente resultará na exclusão do grupo. A masculinidade burguesa é aquela marcada pela paternidade associada à provisão do núcleo familiar, a fim de garantir a organização do estado moderno. Desse modo, o estado encontra na religião uma grande aliada, pois esta é responsável pela manutenção de paradigmas fundamentais à manutenção do estado. Os dogmas religiosos ajudam na compreensão de que ser homem e ser mulher na sociedade é uma determinação divina, e que o desvio da heterossexualidade é um pecado mortal e diabólico, pois, segundo o mito de criação, Deus criou o homem e a mulher para se multiplicarem e reproduzirem, algo impossível numa relação homossexual. E mesmo com o processo de secularização e laicização do Estado, essas idéias ainda são presentes nos sujeitos religiosos contemporâneos, que encontram no campo religioso símbolos para legitimar seus conflitos. Apesar de toda influência religiosa, o sujeito religioso moderno é um sujeito relativamente autônomo que absorve da religião apenas o que lhe interessa, haja vista que apesar da proibição papal católica no uso de métodos contraceptivos, o que se observa é a utilização desses métodos pelos fiéis. Além disso, não podemos desconsiderar que, apesar de um estado laico, a formação do Ocidente se dá

influenciada pelo cristianismo, e por um longo processo de socialização dos indivíduos.

***IHU On-Line* - Como se deu a construção e a evolução social da masculinidade e da feminilidade? O que mais mudou no homem e na mulher, comparando a modernidade com a contemporaneidade?**

Fernanda Lemos - Com toda a certeza, a construção e a evolução social da masculinidade e da feminilidade se deram na diferença. As relações sociais de sexo se construíram, ao longo do processo histórico da humanidade, em oposição. A construção social da masculinidade se dá na misoginia¹, no horror a tudo que se apresente como feminino. Isso se torna evidente em alguns grupos específicos, como, por exemplo, colégios militares de rapazes. Toda e qualquer ação que lembre atitudes femininas são coagidas pelo grupo; elementos como força, coragem, agressividade são exaltados como características fundamentais para o grupo dos homens. Em grupos indígenas, também observamos situações muito bem definidas para a definição do gênero, a casa das meninas e a casa dos meninos, onde o trânsito é proibido e coagido. Nascemos com poucas opções identitárias, ou somos homens ou somos mulheres, opções estas que estão condicionadas ao corpo com o qual nascemos. Em nosso corpo biológico, é expresso o gênero, sem que tenhamos a liberdade de escolha. Pertencer ao sexo feminino ou masculino nos informa inúmeras possibilidades, dentre elas, nossa capacidade e/ou incapacidade de atuação social. E nisso reside a evolução social do gênero.

A mulher como sujeito de sua própria história

¹ **Misoginia** é um movimento de aversão ao que é ligado ao feminino. Algumas teóricas feministas pensam que a sociedade patriarcal é construída nesse movimento de expurgar o que é feminino, e de expurgar as mulheres, torná-las alheias, abjetas. (Nota da *IHU On-Line*)

A contemporaneidade contribuiu muito para a inserção da mulher como sujeito de sua própria história. Entretanto, as relações sociais de sexo ainda são desiguais, principalmente no campo religioso. Um exemplo disso está no fato de que algumas mulheres pentecostais, possuidoras de carisma, não podem exercer funções de liderança em suas comunidades locais por serem simplesmente mulheres. No entanto, elas - para exercerem seu carisma - fundam movimentos religiosos autônomos. Com o passar do tempo, tais movimentos assumem a dimensão mais burocrática de grupo e são cooptados pelos homens que as impediram de liderar. Elas, por sua vez, são afastadas da liderança dada pelo carisma pessoal, e retornam a suas atividades de meras espectadoras. Um outro exemplo nítido pode ser percebido na conquista das mulheres no campo do trabalho. Inúmeras mulheres enfrentam uma jornada diária de trabalho de aproximadamente oito horas, ganham seus salários, encontram uma relativa autonomia individual, pois são as grandes mantenedoras do núcleo familiar. Entretanto, apenas acumularam funções. Elas, além de manterem uma jornada diária de trabalho, continuam sendo donas de casa, mães e esposas, ou seja, uma tripla jornada de trabalho semanal.

Ainda falta mudança nas relações de gênero

Pergunto se as mudanças contemporâneas trouxeram benefícios ou malefícios às mulheres, visto que ainda observamos um mercado capitalista que absorveu a força produtiva feminina a um custo menor do que é pago ao homem. Esses fatores evidenciam que ainda não ocorreu uma mudança estrutural significativa nas relações de gênero, pois a violência simbólica ainda é um dado presente em todos os setores sociais, bem como a materialização dessa violência, que culmina inevitavelmente na agressão física. O que se pretende, ao questionar a contribuição da contemporaneidade nas conquistas femininas, não é a vitimização das mulheres,

mesmo porque as teorias de gênero colocaram as mulheres em percepção de que são sujeitos de sua história. Entretanto, é impossível negar os dados das delegacias de mulheres de todo o Brasil e a observação empírica do campo religioso.

IHU On-Line - A autonomia da mulher contemporânea incomoda o homem? Como ficam as relações de gênero e as relações sociais em geral se considerarmos uma mulher mais autônoma e mais auto-suficiente em relação ao homem?

Fernanda Lemos - Mas será que a mulher contemporânea alcançou sua autonomia? O problema é que quando falamos “da mulher contemporânea” damos esta caracterização a todas as mulheres, sejam elas indígenas, asiáticas, brancas, latino-americanas, européias, afro-descendentes, negras, empobrecidas, ricas, empregadas, desempregadas, casadas, solteiras. Não existe apenas um modelo de mulher contemporânea, existem inúmeras, cada uma com sua história sociocultural. A autonomia está associada a uma série de fatores sociais e culturais, dentre eles aspectos de classe. É simples pensar em uma mulher autônoma que seja de classe média e socialmente estabelecida. É difícil, porém, pensar na autonomia de uma mulher empobrecida que depende de seu companheiro para sustentar os filhos e a si própria. É certo que a mulher, na contemporaneidade, alcançou sua autonomia, mas vale ressaltar que apesar de toda luta do movimento feminista e das teorias de gênero para desconstruir as desigualdades sociais e de sexo, ainda há muita estrutura a ser balanceada. Não diria que a autonomia da mulher contemporânea incomoda o homem, mas que as transformações sociais trazidas pelo movimento feminista e a reivindicação das mulheres fizeram os homens repensarem a forma como a sociedade estava organizada, e isso gerou uma crise, se considerarmos que os homens sempre foram os sujeitos legítimos da história

da humanidade.

A tão conhecida e falada “crise da masculinidade” não está associada à perda de espaço dos homens na conquista de espaço pelas mulheres. Atualmente sabemos que muitas mulheres sustentam sozinhas suas casas, enfrentam uma jornada diária de trabalho e ainda educam seus filhos; que o número de mulheres nas universidades é superior a dos homens; que dentro das religiões elas são a maioria, apesar de ainda não ocuparem os cargos de liderança em proporção à sua participação. Poderíamos dizer que a inserção das mulheres em campos que outrora eram considerados masculinos trouxe ao homem um desconforto e a necessidade de reorganização de seu papel na sociedade. Os espaços públicos sempre foram dos homens, as mulheres estavam destinadas ao espaço privado da casa e da família. Na contemporaneidade, essa linha que demarcava o espaço público e privado, ou seja, o sexo está se decompondo paulatinamente. Na verdade, ela não se tornou simplesmente auto-suficiente, mas, ocupou espaços que outrora eram exclusivamente dos homens.

IHU On-Line - Como a senhora avalia o impacto das teorias feministas e das reivindicações das mulheres no mundo acadêmico?

Fernanda Lemos - Assim como o campo religioso, o mundo acadêmico ainda é masculino, apesar das diversas especializações e pós-doutorados, as mulheres ainda têm que provar que são capazes de assumir as funções consideradas “dos homens”. No seu início, as teorias feministas foram motivos de “chacota” no meio acadêmico. As feministas eram consideradas mulheres “mal-amadas”, que “rasgavam sutiã” e que “odiavam homens”. Hoje esse ranço de certa forma ainda existe, mas as teorias feministas conseguiram se inserir no meio acadêmico e mostrar a que vieram. Não dava mais para

dizer que relações sociais desiguais de sexo eram uma fantasia, mesmo porque havia evidências sociais demonstrando que os campos sociais expressam diferenças significativas de gênero. O movimento feminista foi fundamental para a percepção de que as mulheres poderiam ser sujeitas de sua própria história. A radicalidade do movimento foi necessária para a mudança social, e a constatação de que as mulheres não queriam apenas “serem superiores aos homens”, mas, alcançar a equidade.

As teorias de gênero

Na década de 1990, surgem as teorias de gênero, que das ciências sociais compreenderam que as relações sociais de sexo eram construídas de uma dialética entre o homem e a mulher, ou seja, falar dos problemas das mulheres implicava fundamentalmente falar dos homens, visto que a luta de poder se dá na relação. Decorrentes disso também, as teorias feministas contribuíram para a discussão das masculinidades e dos problemas contemporâneos dos homens, visto que entender a representação social da masculinidade implica compreender a violência física e simbólica pela qual as mulheres vivenciam. Dessa forma, poderíamos afirmar que a reivindicação das mulheres e o impacto das teorias feministas no mundo acadêmico foram fundamentais para a inserção da mulher neste campo. Todavia, elas ainda são minoria e quando concorrem a um cargo têm que provar que são capazes, enquanto os homens têm sua capacidade legitimada simplesmente por serem homens. Atualmente, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, temos um corpo docente formado por dezenove professores, dos quais apenas dois são mulheres. Esse dado demonstra que, apesar da inserção das mulheres no mundo acadêmico e a influência significativa das teorias de gênero neste mundo, os números ainda expressam as desigualdades.

IHU On-Line - Quais as possibilidades e contribuições das mulheres em meio às transformações atuais no âmbito da cultura, da ecologia, das religiões...?

Fernanda Lemos - As possibilidades e contribuições das mulheres nos campos sociais são inumeráveis. Assim como os homens, elas são evidentes e factuais. Vivemos num período de profunda transformação, visto que a modernidade trouxe consigo a possibilidade da transformação e rompimento das verdades absolutas. No âmbito da ecologia, as mulheres já vêm contribuindo há muito tempo com o ecofeminismo. As teorias ecofeministas têm se preocupado há muitas décadas com a relação de dominação que os homens desenvolveram com a natureza; a exploração desenfreada sempre foi um questionamento das feministas, mesmo porque ela é

reflexo da dominação masculina sobre as mulheres. No que diz respeito às religiões, a inserção das mulheres nas lideranças religiosas ainda é muito vagarosa, por causa da resistência das hierarquias clericais que são predominantemente masculinas. Mesmo assim, elas têm discutido sobre uma teologia feminista, que inclua as mulheres como participantes do pensar sobre Deus, de suas experiências e não somente da experiência dos homens. Tais assuntos são discutidos em nosso Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. O grupo é composto por estudantes do Programa de Ciências da Religião interessados/as na contribuição de homens e mulheres em todos os setores da sociedade, principalmente no campo religioso.

“A crise do masculino se situa na falta de sua nova identidade”

ENTREVISTA COM IVONE GEBARA

A teóloga Ivone Gebara, paulistana, é doutora em Filosofia pela Universidade Católica de São Paulo e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Ela lecionou durante 17 anos no Instituto de Teologia do Recife, até sua dissolução, decretada pelo Vaticano, em 1989. Atualmente, vive e escreve em Camaragibe, Pernambuco. Percorre o Brasil e diferentes partes do mundo, ministrando cursos, proferindo palestras sobre hermenêutica feminista, novas referências éticas e antropológicas e os fundamentos filosóficos do discurso religioso. Tem vários livros e artigos publicados em português, espanhol, francês e inglês, entre eles As Incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1989; e Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis, Vozes, 2000.



A seguir, a entrevista que Ivone Gebara concedeu à IHU On-Line, por telefone, na qual falou sobre a caminhada das mulheres e do movimento feminista nos últimos tempos e o que isso provocou na sociedade e nas igrejas.

IHU On-Line - Fazendo um balanço das lutas das mulheres pelo reconhecimento de seus direitos e de sua dignidade, o que as mulheres têm para comemorar, reivindicar e lamentar neste dia 8 de março?

Ivone Gebara - Uma das coisas mais importantes para o movimento feminista no Brasil é que nós não abandonamos a busca pelos direitos das mulheres e pela afirmação da nossa dignidade. Por exemplo, nós aprovamos a lei Maria da Penha e agora estamos com uma luta importante com os meios de comunicação, que têm veiculado imagens extremamente distorcidas das mulheres, particularmente das feministas. Enfim, eu faço um balanço positivo, no sentido de que, apesar de tantos senões à luta feminista, nós estamos fortes, estamos com

essas bandeiras intensamente mobilizadoras da sociedade.

IHU On-Line - No atual contexto sociocultural, constatamos a emergência de uma nova subjetividade e autonomia das mulheres. Como a senhora vê esta questão num cenário de fragilização dos laços sociais e afetivos? Os homens estão preparados para lidar/se relacionar com este novo tipo de mulher?

Ivone Gebara - As mulheres avançaram muito no conhecimento delas próprias, no conhecimento da sua intimidade, da sua sexualidade e genitalidade, dos seus desejos e, de repente, elas se dão conta de que os homens não fizeram e não quiseram fazer esse processo. Sem dúvida, os choques de relacionamento entre

mulheres e homens e a precariedade das relações é muito mais presente hoje. Acho que essa nova subjetividade feminina, que é emergente tanto no mundo das intelectuais e, sobretudo nesse mundo, também está aparecendo no mundo popular e no mundo das elites femininas. A fragilização do masculino e o questionamento da identidade masculina também estão aparecendo. Então, tenho visto que essa identidade do masculino como o provedor, o chefe, o que sabe, o que comanda a sociedade, continua, mas cada vez mais as mulheres têm sido críticas dessas pretensões de poder. Acredito que estamos num momento crítico e que, lentamente, a cultura vai nos mostrar que um novo relacionamento entre mulheres e homens está emergindo.

IHU On-Line - Quais os principais desafios que o feminismo coloca hoje à masculinidade ou às diferentes formas de se compreender e viver a masculinidade? Em outros termos, em que consiste a crise da masculinidade em meio aos desdobramentos dos movimentos feministas?

Ivone Gebara - A primeira questão da crise do masculino é que, ao mudarmos, nós, a nossa identidade submissa e dependente, ao deixarmos, nós, mulheres, de nos identificarmos como seres *para* e, nesse sentido, seres para os homens, para a família patriarcal, nós já estamos, ao afirmar nossa nova identidade, nossa busca de identidade, insistindo para que os homens entrem nesse processo de redefinição de sua identidade. O sexo forte, o sexo masculino, o gênero forte, masculino, só é forte e dominador na medida em que nós aceitarmos a dominação. E como nós não estamos mais aceitando o paradigma da dominação, eles estão em crise. Hoje em dia, a crise do masculino se situa numa espécie de falta de nova identidade do masculino. Isso tanto do ponto de vista das relações sociais quanto do interior das igrejas.

IHU On-Line - As teorias feministas e o movimento feminista tiveram um significativo desenvolvimento nos últimos anos e se desdobraram em diferentes perspectivas. Como a senhora avalia o impacto das teorias feministas e das reivindicações das mulheres no mundo acadêmico? E na teologia?

Ivone Gebara - Do ponto de vista da antropologia, da sociologia e da psicologia, talvez as teorias feministas tiveram um espaço maior no mundo acadêmico. Mas não estou convencida disso. Tenho a impressão de que também a psicologia, a psicanálise, a sociologia e a antropologia feministas não foram bem acolhidas pelo mundo acadêmico dominado pelos homens. E a teologia feminista não foi de forma alguma. Ela ficou como um apêndice, como um cursinho, uma matéria a parte que se dá em muitos institutos de teologia. Esses, quando vão falar de teologia feminista, tiram o “feminista” e insistem em falar em “teologia feminina”, ou dizem que a teologia feminina não tem lugar, porque teologia é teologia, não existe teologia feminina e masculina. Mas sabemos que a teologia é masculina. Então, o impacto do feminismo no mundo acadêmico e, especialmente, da teologia, foi pouco significativo, mas, por sua vez, o feminismo e a teologia feminista tiveram um impacto maior nos movimentos sociais e muito particularmente nos movimentos de mulheres.

IHU On-Line - Na sua opinião, o que sustenta as mulheres, especialmente as mulheres desprivilegiadas em nossa sociedade, em suas lutas e resistências cotidianas? De onde tiram sua força?

Ivone Gebara - A grande força mobilizadora das mulheres é o próprio sofrimento no qual elas vivem. Não imaginemos que há uma força extraordinária, que vem do alto, ou da academia, ou dos governos. Mas a grande força das mulheres se localiza no sofrimento do seu próprio corpo. Não dá para agüentar ficar nas filas dos hospitais esperando atendimento. Não dá para agüentar

ser violada e violentada continuamente dentro de casa. Não dá para agüentar viver sempre submissa às ordens de uma igreja que privilegia muito mais os corpos masculinos. A grande força das mulheres está naquilo que se percebe: o sofrimento feminino é aumentado por conta de uma estrutura socioeconômica e política que privilegia, primeiro, uma elite e, segundo, uma elite masculina. Não abre a possibilidade para relações de igualdade de gênero. A força que sustenta as mulheres é a dor coletiva, é a solidariedade coletiva na mesma dor e a esperança coletiva de tentar vencer esses sofrimentos,

que não são abstratos, são sofrimentos concretos. O que sustenta, por exemplo, a luta das empregadas domésticas para não morar no emprego, para ter uma casinha digna, é o fato de ela ter sofrido no seu próprio corpo que o espaço que lhes é dado é sempre o pior espaço, com as piores condições dentro de uma casa ou um apartamento. É o próprio corpo que é o mobilizador das lutas, é o sofrimento do corpo que é mobilizador para que a mulher busque estados e situações de conforto maior esperança.

“O homem e a mulher vêm se transformando ao longo do tempo e manifestam-se diferentemente conforme o contexto em que vivem”

ENTREVISTA COM GEORGES DANIEL JANJA BLOC BORIS

“O que as pesquisas sobre as relações de gênero têm demonstrado é que, especialmente na contemporaneidade, não se pode mais tratar de uma masculinidade, de uma feminilidade ou de um homoerotismo únicos e padronizados”, explica o professor doutor Georges Daniel Janja Bloc Boris em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

Boris é professor do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza desde 1985; mestre em educação (1992) e doutor em sociologia (2000) pela Universidade Federal do Ceará. Traduziu Ego, Fome e Agressão: Uma Revisão da Teoria e do Método de Freud, obra primeira de Frederick Perls, publicada em português em 2002 pela Summus Editorial. É psicoterapeuta fenomenológico-existencial, supervisor de estágios em psicologia clínica e formador de psicoterapeutas em Gestalt-Terapia.

Na entrevista que segue, segundo o professor, “o homem e a mulher vêm se transformando ao longo do tempo e manifestam-se diferentemente conforme o contexto em que vivem”.

IHU On-Line - Quais são as configurações do masculino e feminino na contemporaneidade?

Georges Boris - O que as pesquisas sobre as relações de gênero têm demonstrado é que, especialmente na contemporaneidade, não se pode mais tratar de uma masculinidade, de uma feminilidade ou de um homoerotismo únicos e padronizados. A concepção de gênero - mais ampla do que a de sexo (mais centrada nos aspectos anatômico, fisiológico e funcional) - refere-se, para a maioria dos pesquisadores da área, a uma "construção", ou seja, não basta que eu tenha um pênis, pêlos e outros constituintes da masculinidade, mas o gênero é, principalmente, uma representação "construída", portanto, é simbólica, relacional, histórica

e sociocultural. O que se percebe é que o homem e a mulher vêm se transformando ao longo do tempo e manifestam-se diferentemente conforme o contexto em que vivem. Além disso, por ser relacional, a subjetividade do homem e da mulher sofre interferências na medida em que o outro pólo também se modifica. Assim, hoje, o que percebemos é que há uma multiplicidade de manifestações subjetivas dos modos de ser homem, mulher, "gay" etc.

IHU On-Line - O masculino está em crise? O que seria o "Mal-Estar Masculino na Contemporaneidade"?

Georges Boris - O patriarcado é uma instituição

sociocultural milenar e padronizou modos de ser, de se comportar, de se vestir etc. O padrão patriarcal de homem e de mulher era claro e rigidamente definido. Entretanto, apesar de sua clareza, gerava sofrimento. Especialmente as mulheres sofreram - e ainda sofrem bastante - por conta deste padrão sociocultural, que impunha que o homem fosse necessariamente forte, dominador, violento, provedor da mulher e dos filhos, e, portanto, voltado para o mundo público; por sua vez, a mulher era considerada frágil, dominada, passiva, necessitando da proteção e do controle masculino. É inegável a dominação masculina sobre as mulheres, mas um problema pouco discutido é que, embora usufruam da dominação masculina milenar, os homens também estão submetidos a um padrão patriarcal masculino inatingível. Os homens morrem com mais frequência e mais cedo do que as mulheres em praticamente todos os países do Ocidente. Em outras palavras: muitos homens também rejeitam esta padronização, que impõe papéis rígidos e impede-os de viver e de usufruir de sua humanidade, o que gera um considerável e apenas recentemente reconhecido mal-estar e uma inegável crise da subjetividade masculina.

Homem na atualidade

Com o crescente abalo do patriarcado nas últimas décadas e com as conquistas e os avanços das mulheres em vários campos, os homens estão confusos. Embora ainda haja considerável resistência, muitos homens já não adotam nem se sentem à vontade com o modelo patriarcal de homem e de relação com a mulher, mas ainda não encontraram uma forma tranquila de lidar consigo mesmos e com as conquistas do gênero feminino.

***IHU On-Line* - Quais as conseqüências sociais de uma mulher autônoma, independente do homem?**

Georges Boris - Por conta da dominação que sofreram e, em grande parte, ainda sofrem, as mulheres tiveram

que lutar por seus direitos, por sua autonomia e por sua independência. São inegáveis as conquistas femininas, particularmente a partir da segunda metade do século XX. Estas conquistas também geram impasses com os homens por conta do avanço feminino no mercado de trabalho, por exemplo. Contudo, um dado que chamou a atenção em minhas pesquisas: a maioria dos homens sente-se à vontade e não percebe problema ao ser comandado por mulheres no trabalho. O que parece incomodar mais é a atitude autoritária do modelo patriarcal de comando - também presente no mercado de trabalho - que, muitas vezes, é adotada pelos chefes, mesmo algumas mulheres, com os que a eles ou a elas estão subordinados.

Evolução do movimento feminista

O movimento feminista teve, e tem, um papel histórico muito importante nas conquistas das mulheres. Seu papel foi aglutinar a insatisfação feminina com as imposições do patriarcado e organizar as lutas das mulheres contra a dominação masculina. Uma de suas conseqüências é a idéia bastante comum - tanto entre homens quanto entre as mulheres - que associa a mulher à vida, à sensibilidade e à subjetividade, enquanto o homem é, frequentemente, associado à morte, à insensibilidade e à objetividade, perspectiva politicamente necessária à luta feminista contra um poder concentrado nas mãos dos homens. Entretanto, tal posição é dicotômica, mecanicista e mesmo maniqueísta, pois concebe as mulheres como seres essencialmente benevolentes, mas sem poder, vítimas dos naturalmente truculentos "machos", que as maltratam, ou como "guerreiras", também em luta contra a opressão masculina. Um dado contraditório pouco discutido pelas militantes feministas é a existência de um poder feminino, mais sutil e sábio do que o poder patriarcal: as mulheres, tradicionalmente, detêm o acesso e assumem o cuidado prioritário do lar e dos filhos e, embora muitas se

queixem da omissão freqüente dos homens, algumas impedem o acesso e a necessária aprendizagem dos filhos, dos maridos e dos pais a este universo sociocultural ainda em mãos femininas. Este é um poder feminino que os homens ainda timidamente ocupam, em parte por uma resistência de muitas mulheres a compartilhar e a acreditar que os homens são capazes de também exercer o que denomino de "mínimo poder feminino", particularmente no espaço doméstico. O poder feminino é uma questão que compete ao movimento feminista encarar nos tempos atuais.

IHU On-Line - Quais os principais impactos para a autonomia da mulher, como ser social, dos avanços da ciência e da tecnologia?

Georges Boris - As relações de gênero e, particularmente, a mulher, não estiveram isentas das transformações socioculturais ao longo do tempo. Da mesma forma, a ciência e a tecnologia avançaram bastante. Um dos principais impactos para a autonomia da mulher e dos casais, sem dúvida, foi o advento da pílula anticoncepcional, especialmente e, de modo crescente, a partir dos anos 1960. Outros impactos vêm sendo registrados, como a reprodução assistida, bem como a (re)produção "independente". Esta última comprova que a ciência e a tecnologia não são neutras, podendo ser mesmo um instrumento ideológico, pois pode libertar as pessoas ou as aprisionar mais ainda. Nos tempos atuais, as pessoas vêm sendo induzidas a adquirir objetos descartáveis, a investir em sua saúde de modo intensivo e mesmo a modelar seus corpos a partir da imposição de um interesse capitalista globalizado e para além de sua real necessidade.

IHU On-Line - O senhor tem pesquisas sobre homens e mulheres das classes populares de Fortaleza. Pode falar um pouco sobre esses estudos? Existe relação com o resto do Brasil?

Georges Boris - Minha pesquisa inicial se centrou na construção e na crise da subjetividade masculina entre homens da classe média; atualmente, desenvolvo uma pesquisa sobre o mesmo tema com homens das classes populares; e, em breve, devo iniciar nova pesquisa sobre o poder feminino, investigando o reconhecimento do poder da mulher entre casais de Fortaleza. É cedo para poder generalizar tantos dados - até mesmo pelos motivos que expus, anteriormente, acerca do caráter das relações de gênero - mas posso adiantar algumas observações preliminares, pelo menos sobre a construção da subjetividade masculina em Fortaleza, uma cidade de cerca de 2,5 milhões de habitantes, que concentra tanto a miséria quanto os avanços tecnológicos característicos da sociedade e da cultura brasileira. Fortaleza expressa muito da realidade das relações de gênero no Brasil. Resumidamente, posso apontar o seguinte:

- poucos homens parecem de fato conformados ou adaptados ao antigo modelo de homem patriarcal, enquanto alguns ainda tentam disfarçar sua dificuldade de aceitação das novas relações sociais de gênero que vêm se desenvolvendo mais recentemente, mas terminando por reagir a elas, quando se deparam com situações inusitadas e surpreendentes em seu próprio cotidiano;

- muitos homens parecem ter a percepção de que seus comportamentos são dotados de uma pretensa e inquestionável objetividade masculina. Tal objetividade é, em grande parte, uma falácia que os homens preferem crer na tentativa vã de não serem questionados em suas posições e decisões, adotando atitudes pragmáticas e racionalizadas que evitam, na verdade, seu envolvimento emocional com as questões e os problemas que, de fato, vivenciam. Percebi também entre meus entrevistados, algumas das características da construção sociocultural da subjetividade masculina na contemporaneidade:

- um clima de trabalho profissional freqüentemente desqualificador da expressão da individualidade, da singularidade e da subjetividade dos homens;

- uma angustiante ausência paterna em seu cotidiano familiar. Podemos perceber, então, que a ausência paterna - comum na experiência de muitos filhos - costuma provocar a busca de explicações, de justificativas e de racionalizações (geralmente tardias) que têm seu principal fundamento freqüentemente nas pressões socioculturais que prioritariamente incidem sobre os homens;

- uma inclusão social através de atitudes autoritárias, competitivas, violentas ou defensivas, o que resulta comumente em resistência, evitação ou dificuldade de manifestação calorosa em situações afetivas: um homem deve estar sempre alerta, não confiar em ninguém - a não ser em si mesmo e em suas capacidades - e vencer sempre por seus próprios méritos. Esta "fabricação de machos heróis", apesar de gerar homens aparentemente fortes, inabaláveis e vencedores, escamoteia as reais necessidades psicossociais e humanas que todos têm direito a experienciar e a expressar;

- entretanto, não creio que a crise da masculinidade signifique, simplesmente, que os homens venham se sentindo "menos homens", parecendo muito mais que vivenciam as transformações inquietantes de um momento histórico cujas transições socioculturais têm levado - homens e mulheres - a buscar alternativas mais autênticas e justas de viver e de conviver com sua diversidade subjetiva;

- acredito também que a lentidão dos homens na conquista de uma tranqüila e humanizada reconciliação consigo mesmos, com as mulheres, com outros homens,

com a função paterna e com seu trabalho profissional, se deve ao fato de que as mulheres, há muito mais tempo, tentam integrar com prazer estes diversos papéis socioculturais. Creio que, neste momento histórico de transição da subjetividade masculina para formas e manifestações mais flexíveis, as mulheres precisarão de boa dose de paciência e de tolerância com as vacilações e inseguranças de muitos homens confusos e ainda em dúvida quanto ao encantamento do ilusório poder viril patriarcal.

- se ousar fazer alguma conjetura acerca do possível destino da subjetividade masculina nos tempos vindouros, creio ser seguro afirmar que os homens já não são os mesmos e que ser homem vem se transformando ao longo do tempo. Assim, acredito também que o caráter violento do "macho" humano sofre as mudanças que a sociedade e a cultura vêm absorvendo, pois nenhuma violência - mesmo simbólica - se mantém de forma duradoura e eficaz se as regras que ela sanciona instituem relações arbitrárias que favoreçam sistematicamente uma parte em prejuízo da outra. Se pudermos entender que o homem violento dos tempos atuais é, em parte, uma tentativa desesperada de reassumir um suposto poder sociocultural masculino, esta tentativa parecerá vã na medida em que busca se impor por meio de atitudes destrutivas dos elos que unem os indivíduos, podendo inibir a manifestação da diversidade dos seres humanos. Não me parece muito seguro que os homens se tornem integrados e que desenvolvam em breve sua própria condição subjetiva de gênero de forma consistente e reconhecida por si mesmos, pelo menos não tão rapidamente quanto seria desejável, pois tudo depende de uma transformação das relações sociais, da sociedade e da cultura mediante vivências mais democráticas, justas e harmoniosas, que ainda estamos longe de concretizar. Acredito que, apenas de forma democratizante, homens e mulheres se uniriam com a

meta de evitar a alienação dos papéis socioculturais masculinos e femininos conforme a configuração atual, criando uma nova sociabilidade, sabedores de que pouco adianta inverter ou mesmo igualar os papéis sexuais, sociais, familiares e profissionais de acordo com os interesses do Estado e do lucro, sem levar em conta os reais interesses das pessoas. Para finalizar, relembro que, para que este ideal possa vir a acontecer, faz-se necessário o enfrentamento de alguns temas incômodos nos modelos de homem e de poder patriarcais ainda vigentes:

- muitos homens ainda necessitam constantemente demonstrar capacidade e força;
- a expressão de sentimentos pelos homens continua limitada;
- muitos permanecem dirigindo suas vidas para áreas competitivas;
- inúmeros deles ainda mantêm a função de provedores da família;

- suas ocupações ainda se voltam com frequência apenas para "questões sérias", como o trabalho, a política e a economia;
- em conseqüência, o contato sensível com a natureza, com os amigos, com as mulheres e com os filhos tende a se perder;
- finalmente, permanece sobre os homens a proibição de não saber, de não poder, de não se equivocar e de não fracassar. Acredito que, enquanto persistirem perspectivas sexistas unilaterais que subdividam as atividades humanas e as relações sociais de gênero em atividades masculinas ou femininas, a construção da subjetividade masculina permanecerá confusa, e a eventual reação violenta dos homens diante das mudanças pessoais e socioculturais continuará sendo um inquietante elemento de desestruturação social.

“O mundo com mais mulheres tem menos guerra, menos violência e menos corrupção”

ENTREVISTA COM ROSE MARIE MURARO

Uma de nossas entrevistadas da edição desta semana é a escritora Rose Marie Muraro. Formada em Física e Economia, Rose Marie publicou diversos livros, entre eles, sua biografia Memórias de Uma Mulher Impossível. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999. Nos anos 1970, foi uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil. Suas idéias refletem-se na vida pessoal desta mulher, mãe de cinco filhos e avó de doze netos, frutos de um casamento de 23 anos.

Confira a entrevista concedida por telefone para a IHU On-Line:



IHU On-Line - Qual o papel, a função do masculino na sociedade hoje? Podemos dizer que ele está em crise?

Rose Marie Muraro - Acho que está. Houve um avanço enorme da mulher, que detinha, em 1970, 35% da força de trabalho mundial e hoje representa cerca de 50%. Há regiões que têm mais mulheres na força de trabalho do que homens. Há outros lugares, principalmente no Brasil, como o movimento universitário, onde há 60% de mulheres e 40% de homens. Além disso, existem várias presidentes da república no mundo. Isso é muito novo para os homens. Eles, em geral, não estão lidando bem com essa novidade, principalmente os mais velhos. Quem está lidando bem são os mais novos, que já nasceram dentro dessa realidade. Principalmente, porque muitas firmas despedem homens que têm salários mais altos para pôr mulheres que têm salários mais baixos e a mesma competência. Para a mulher, ter mais anos de estudo não significa maior salário. Ela abaixa a renda da massa salarial de toda a classe trabalhadora.

IHU On-Line - O feminismo tem a ver com a crise do masculino?

Rose Marie Muraro - Tem. O feminismo não é o que as pessoas pensam. O feminismo é só um movimento organizado das mulheres, mais nada. Não tem nada a ver com o plano pessoal da mulher contra o homem, mas sim, da mulher contra o sistema. Em geral, as mulheres e os homens se dão muito bem. E a mulher já está questionando o machismo do homem no plano pessoal, e isso está caminhando bastante. Então, vejo uma diferença enorme dos anos 1970, quando eu comecei a militar, para cá.

IHU On-Line - Quais as diferenças entre movimento feminista e movimento de mulheres? Como se caracteriza o movimento de mulheres como movimento social?

Rose Marie Muraro - Existem vários movimentos de mulheres que não são feministas, que não têm a mulher como foco. Por exemplo, movimento de donas de casa, pelo meio ambiente, pela paz. Existe, inclusive, movimento de mulheres para levar cafezinho para os homens nas reuniões. No entanto, movimentos enfocando

a condição da mulher, por definição, são feministas.

IHU On-Line - Quais os pontos fundamentais na discussão sobre a questão do corpo das mulheres em função dos avanços da ciência e da tecnologia? Quais os impactos disso para a autonomia da mulher como ser social?

Rose Marie Muraro - A grande autonomia das mulheres veio com a pílula anticoncepcional e a pílula do dia seguinte. Com isso, a mulher, pela primeira vez, em dois mil anos, desliga a sexualidade da maternidade. Este foi o grande avanço que permitiu a autonomia, o estudo e o controle do corpo. O resto é secundário. A fertilização *in vitro* é algo secundário diante disso. A partir da pílula e dos métodos anticoncepcionais, nos anos 1960, é que aconteceu todo o movimento de autonomização da mulher e o fato de ela se tornar o sujeito maior da história. Produção independente de filhos sempre houve depois dos anos 1960.

IHU On-Line - Quais as principais correntes feministas hoje?

Rose Marie Muraro - Eu não conheço correntes feministas. Há movimentos feministas que tratam mais da política, movimentos feministas que tratam mais da ligação da mulher com a sustentabilidade do meio ambiente e outros que tratam da condição da mulher, principalmente do problema da violência, que é o problema básico da sociedade humana. Refiro-me à violência doméstica, dos pais sobre as crianças e do homem sobre a mulher, que originam a violência do homem sobre o homem. Na Pré-História, enquanto não houve a violência da sociedade contra a mulher, não houve guerras. Quando começou a violência contra a mulher, que é a primeira de todas, porque a mulher era mais fraca que o homem, aí começa a violência dos mais fortes contra os mais fracos. E a causa disso é que a criança aprende, desde que nasce, que uns apanham e

outros batem. E isso não é coisa pequena. Eu estava nos Estados Unidos, em 1988, quando se fazia uma pesquisa representativa da nação americana, com a qual se descobriu que 66% de todas as mulheres, ou apanhavam, ou tinham apanhado de pais ou de maridos. A grossa maioria das mulheres apanha. E isso legitima a violência do homem contra o homem. É natural que o homem seja mais violento contra a mulher, então é natural que seja mais violento contra o homem. Tratar da violência contra a mulher é tratar da violência do homem contra o homem. A Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, quando fez a lei Maria da Penha¹, sobre a violência doméstica, tornando-a crime hediondo, fez um trabalho incrível. Esse tema está muito difundido na sociedade, e a mulher hoje sabe que ela não deve apanhar. Não é mais como o Nelson Rodrigues² dizia, que mulher gosta de apanhar e só as neuróticas reagem. Hoje, todas as mulheres somos neuróticas, porque reagimos em favor da justiça.

IHU On-Line - Qual a principal reivindicação da mulher de hoje?

Rose Marie Muraro - O que ela reivindicou sempre: salário igual por trabalho igual e igualdade de oportunidades. Aliás, isso está acontecendo onde há possibilidade. Eu sei de um caso de concurso público para residentes médicos que houve aqui no Rio de Janeiro. Havia sete vagas e em torno de 200 concorrentes.

¹ A Lei da Maria da Penha foi sancionada em 7 de agosto de 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Dentre as várias mudanças promovidas pela Lei está o aumento no rigor das punições das agressões contra a mulher. A Lei entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006, e já no dia seguinte o primeiro agressor foi preso, no Rio de Janeiro, após tentar estrangular a ex-esposa. O nome da Lei é uma homenagem a Maria da Penha Maia, que foi agredida pelo marido durante seis anos. A Lei altera o Código Penal Brasileiro e possibilita que agressores sejam presos em flagrante ou tenham sua prisão preventiva decretada. (Nota da *IHU On-Line*).

² Nelson Falcão Rodrigues (1912 – 1980) foi um importante dramaturgo, jornalista e escritor brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

Venceram um homem e seis mulheres. No lugar em que o mérito é da mulher, ela ganha. No lugar em que a ideologia diz quem vai entrar na vaga, quem entra é o homem.

***IHU On-Line* - Com cada vez mais protagonismo feminino, como seria uma sociedade de mulheres?**

Rose Marie Muraro - Não vejo uma sociedade de mulheres, o que seria uma perversão. Eu vejo uma sociedade com igual participação de homens e mulheres. A natureza fez o homem e a mulher. Falar de uma sociedade em que a mulher seja hegemônica, é trocar o sinal da dominação de mais por menos, então não muda nada. Eu vejo uma sociedade andrógina, em que homem e mulher tenham o mesmo protagonismo, uma sociedade mais pacífica, menos corrupta. Há um estudo do Banco Mundial, que mostra uma correlação significativa entre a entrada da mulher no mercado de trabalho e a

diminuição da corrupção. Esse estudo foi feito em 121 países. Essa é uma das coisas mais importantes que eu já vi na minha vida. O mundo, quando tem mais mulheres, tem menos guerra, menos violência e menos corrupção.

Vale lembrar aqui que a revista *The Economist*, uma publicação econômica machista, em setembro de 1996, disse que o século XXI seria o século da mulher, mostrando que o maior altruísmo da mulher é que pode ajudar a salvar o mundo todo desse problema de meio ambiente, de excesso de corrupção. Na União Européia, se havia 20, 30 países que guerrearam durante 1.500 anos, agora, para enfrentar os Estados Unidos, eles se chamam União Européia. O mundo vai ter que ser solidário “na marra” para vencer o inimigo comum, que é o aquecimento global, a falta d’água, que vem da ganância dos mais fortes, para ver se é possível reverter esse processo.

O feminismo como um movimento de transformação social

ENTREVISTA COM TELMA GURGEL DA SILVA

Para Telma Gurgel da Silva, professora na Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, “a autonomia das mulheres é, em última instância, a superação dos privilégios garantidos aos homens, não porque cada homem em particular o promove, sim, porque existe uma lógica social que estrutura estes privilégios e que sem sua ruptura, é impossível o reconhecimento das mulheres como sujeito de direitos e de liberdade”. Ela fez essa e outras afirmações em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line. Telma Gurgel possui graduação em Serviço Social pela UERN, mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, tendo sua tese o título Feminismo e liberdade: seu sujeito total e tardio na América Latina. Tem experiência na área de sociologia, com ênfase em gênero e feminismo, atuando principalmente em relações de gênero, políticas públicas, autonomia, organização e neoliberalismo.



IHU On-Line - Como se deu a evolução do movimento feminista através da história e qual o papel e a função do movimento de mulheres hoje?

Telma Gurgel - Na perspectiva da visibilidade política da reivindicação da igualdade, o feminismo como movimento social tem suas origens na Revolução Francesa, quando, pela primeira vez, as mulheres surgem na conjuntura como sujeito coletivo com demandas específicas, em confronto direto com as estruturas dominantes de poder e de representação política. Assim, podemos afirmar que há mais de 200 anos as mulheres estão em movimento. Como nos referimos à história e suas contradições o feminismo, ao longo destes anos, tem pautado reivindicações políticas, econômicas e ideológicas que acompanham a realidade de cada momento histórico. Assim, encontramos as chamadas “ondas” do feminismo que sintetizam estes momentos. É importante destacarmos que essas expressões políticas

são constituídas por sujeitos, no caso as mulheres, como seres sociais dotados de história, subjetividades, identidades, experiências e projetos que na totalidade concretizam a práxis e a expressão pública do feminismo. Assim sendo, podemos identificar as lutas em defesa do sufrágio universal, pelo direito à educação, pelo acesso ao trabalho, pela liberdade sexual, direito ao aborto, contra a violência sexista, pelo fim da desigualdade racial, pelo direito das lésbicas, entre outras. Sintetizando, podemos afirmar que o feminismo em sua trajetória é, acima de tudo, um movimento de transformação social que procura a construção de uma nova ordem na qual se superem as relações predominantes do sistema patriarcal capitalista de gênero. Pois acredito que, sem nenhuma pretensão determinista, é impossível a liberdade e autodeterminação das mulheres na sociabilidade do capital.

IHU On-Line - Quais os principais impactos para a autonomia da mulher, como ser social, dos avanços da ciência e da tecnologia?

Telma Gurgel - Primeiro creio ser importante destacar que em virtude de seu papel de subalternidade, imposto pela lógica patriarcal, as mulheres ainda se encontram à margem de muitos dos avanços da ciência e da tecnologia, ou em alguns casos, sofrem impactos que atuam de forma negativa em sua autonomia, como, por exemplo, algumas das novas tecnologias reprodutivas de natureza invasiva e de controle da capacidade reprodutiva das mulheres. Destacamos ainda que, em virtude da divisão sexual do trabalho, na qual são determinados perfis, competências e habilidades profissionais de forma desigual entre homens e mulheres, estas permanecem nos piores postos de trabalho em profissões com menor status social e econômico. No caso de setores de produção que detêm tecnologias mais avançadas e nas ciências exatas, verificamos um domínio da presença masculina. No entanto, não podemos negar os avanços conquistados pelas mulheres em diversos “guetos” profissionais masculinos, como, por exemplo, na área de pesquisas científicas e do acesso ao ensino superior.

IHU On-Line - Quais os maiores anseios da mulher contemporânea? Qual a especificidade, nesse sentido, da mulher latino-americana e brasileira?

Telma Gurgel - Quando falamos no feminismo como transformação social, referimo-nos a mudanças estruturais e simbólicas que se situam no campo da autonomia, da liberdade e da igualdade. Mesmo que tenhamos algumas conquistas, estas ainda estão incompletas. Basta nos determos na realidade da divisão sexual do trabalho, na diminuta participação e representação política das mulheres (apesar do sistema de cotas), na ilegalidade do aborto em muitos países, ou

até mesmo, nas dificuldades do acesso ao aborto legal, para nos determos à ordem estabelecida. No caso da América Latina e do Brasil, além das demandas específicas que citei anteriormente, ainda temos que enfrentar, como sujeito coletivo, as adversidades de uma inserção subordinada à lógica do neoliberalismo, centralizando também as nossas ações na luta por políticas distributivas que garantam uma cidadania e aponte para a superação das desigualdades sociais e econômicas que são predominantes nos países de capitalismo periférico, como o nosso.

IHU On-Line - Quais as conseqüências sociais de uma mulher autônoma, independente do homem? Em que medida essa autonomia provoca a crise do masculino?

Telma Gurgel - É importante deixar claro que o feminismo não propõe a inversão do machismo, ou seja, não queremos nos sobrepor aos direitos e à “liberdade” dos homens. Pretendemos um tratamento igualitário e a superação das bases ideológicas-estruturais que fundamentam e consolidam o sistema patriarcal. Isso significa, sem sombra de dúvidas, a constituição da autonomia e autodeterminação das mulheres. Costumamos dizer que este exercício pressupõe, primeiramente, o reconhecimento da opressão pelas mulheres, sujeito próprio do feminismo, e a sua autoafirmação perante o seu opressor, seja ele o sistema e suas instituições, seja o seu companheiro, pai, irmão etc... Em segundo lugar, se falamos de opressão e exploração, nos referimos a privilégios. Assim, a autonomia das mulheres é, em última instância, a superação dos privilégios garantidos aos homens, não porque cada homem em particular o promove, e sim, porque existe uma lógica social que estrutura estes privilégios e que sem sua ruptura, é impossível o reconhecimento das mulheres como sujeito de direitos e de liberdade. Cabe aos homens reconhecer estes privilégios como mecanismos de opressão e

comprometer-se (tanto no espaço público quanto no privado, em suas ações cotidianas, para além dos discursos) com mudanças de atitudes e de práticas políticas que fortaleçam a idéia de uma sociabilidade que, como afirmara Kollontai (1982)¹, seja expressão de uma nova moral política e sexual.

IHU On-Line - Como se caracterizaria uma sociedade protagonizada pelas mulheres?

Telma Gurgel - Em primeiro lugar, não podemos partir do princípio de que o fato de ser protagonizada por mulheres, por si, já garante uma sociedade mais justa. Temos vários exemplos na história que não nos autorizariam essa afirmação. Pensando nos princípios do feminismo com o seu questionamento à ordem patriarcal e às estruturas tradicionais da política, como também, nos reportando à sua práxis de autonomia e horizontalidade em suas organizações, podemos vislumbrar uma sociabilidade na qual seja predominante o desenvolvimento de mecanismos amplos de democracia e de representatividade, tendo como base as experiências pessoais e coletivas, pois como já afirmara

¹ Alexandra Kollontai (1872 - 1952) foi uma líder revolucionária russa e teórica do marxismo, membro da facção bolchevique e militante activa durante a Revolução Russa de 1917. (Nota da *IHU On-Line*)

Delphy (2004), “nenhum nível de empatia substitui a experiência”. Sendo assim, se pensamos numa sociedade de igualdade e liberdade, a primeira condição seria o reconhecimento das especificidades e o respeito a diversidade, questão crucial para o feminismo na contemporaneidade, daí porque podemos caracterizá-lo como um coletivo total.

IHU On-Line - Qual a contribuição do feminismo para a sociologia contemporânea? O que há de diferente no “olhar” feminino sobre a vida?

Telma Gurgel - A primeira grande contribuição, sem dúvida, se deu no campo da epistemologia com a superação da contradição entre objetividade e subjetividade e na desnaturalização do determinismo biológico na leitura da sociedade. Não podemos esquecer que os estudos feministas contribuíram para a introdução de novos temas em torno da visibilidade das mulheres na história, sobre a violência sexista e racial. Além da introdução do conceito de relações sociais de gênero e das relações sociais de sexo. Como já falei acima, não se trata de um olhar diferente, por ser feminino, e sim, de uma perspectiva teórica que se propõe a pensar a sociedade à luz de categorias que expõem as bases da opressão e dominação das mulheres e, ao mesmo tempo, contribuem teoricamente para a formulação de propostas e ações que procuram alterar esta realidade.

A necessidade de luta pelo respeito aos direitos das mulheres

ENTREVISTA COM CLAIR ZIEBELL

Clair Ribeiro Ziebell é professora no curso de Serviço Social da Unisinos. Ela foi coordenadora da Assessoria a Movimentos de Mulheres da Unisinos. Clair possui graduação em Serviço Social pela Universidade Católica de Pelotas e mestrado em Educação pela Unisinos, tendo sua dissertação o título Mulheres na luta por educação: qual protagonismo?. Tem experiência na área de Serviço Social, atuando principalmente nos temas de educação, mulheres e movimentos sociais.

Na entrevista que concedeu por e-mail para a revista IHU On-Line, a assistente social fala sobre o projeto encerrado no ano passado e sobre como ela vê o protagonismo das mulheres na sociedade contemporânea com base em sua experiência.

IHU On-Line - Em que sentido a assessoria a movimentos de mulheres, coordenada por você, mostrou a realidade das mulheres de nossa sociedade? Como o trabalho, na prática, ajudou a caracterizar as mulheres de nossos dias? As mulheres são as protagonistas de nossa sociedade?

Clair Ziebell - Em São Leopoldo, acompanhamos, via assessoria do Serviço Social, na extensão/Unisinos, muitas mudanças nos movimentos de mulheres na defesa da cidadania e na cidade. Elas provêm das classes populares e buscam superar a desigualdade social e a pobreza vividas no cotidiano. O desvelamento da questão social mais ampla e do lugar ocupado pelas mulheres nesse contexto foi mediado pela metodologia da educação popular e feminista. Assim sendo, privilegiamos a problematização das questões específicas explicitadas por elas. Partindo da percepção mais aparente que tinham da realidade fomos, processualmente instrumentalizando-nos pela ação e pela reflexão, pela

investigação permanente, para desvendar os nexos, as relações com o contexto mais amplo.

Aperfeiçoamos o que chamamos de “pedagogia dos encontros”, experiência advinda das CEBs, como mediação para a organização coletiva, resultando dessa trajetória, na constituição e incubação do Fórum de Mulheres de São Leopoldo (FMSL) que atualmente vem protagonizando lutas em torno de políticas públicas mais inclusivas, integrando as perspectivas de gênero e raça/etnia na proposição e controle social das políticas em andamento. Fundado em 2000, o FMSL foi nossa prioridade estratégica. O movimento atua na defesa e proteção contra a violência, a educação não-sexista, igualdade de gênero no trabalho e na família e demais instâncias sociais, direito à participação política e a um novo exercício do Poder. Essa assessoria ao FMSL recebeu ainda importantes aportes de nossa inserção em redes nacionais (Rede Mulher de Educação- RME/SP) e internacional (Rede de Educação Popular entre mulheres

para América Latina e Caribe - REPEM/Montevidéu).

Concluindo, nós mulheres somos importantes protagonistas, assim como os homens e demais pessoas que procuram incidir nos rumos que nossas sociedades devem tomar. No caso específico das mulheres, os limites ainda são muitos, sendo muito tímido o protagonismo no que tange à decisão, no acesso ao poder institucionalizado e a incidência da perspectiva de gênero na economia, hoje marcada pelo androcentrismo. Como acadêmicas, entendemos que as teorias por si só não transformam o mundo, elas têm que ser incorporadas por pessoas, aqui mulheres organizadas em fórum permanente, que inconformadas com a desigualdade social, juntam-se a outros segmentos afins, buscando alternativas de ação, reivindicando políticas sociais públicas inclusivas, sem perder de vista o sonho e a esperança ativa de uma outra sociedade, uma luta árdua com e para toda a humanidade.

IHU On-Line - Quais as diferenças entre movimento feminista e movimento de mulheres? Como se caracteriza o movimento de mulheres como movimento social?

Clair Ziebell - Essa é uma questão complexa e controversa. Eu, particularmente, prefiro falar em relações e não demarcar campos ou diferenças, embora reconheça segmentações e tensões existentes nesse âmbito. A partir de 1990, fala-se em feminismos, em movimentos de mulheres, feminismo acadêmico, movimentos de gênero ou / e até em pós-feminismo, como se esse houvesse acabado. Falo baseada em minha experiência no exercício profissional e de militância com mulheres, em que, desde muito jovem, descobri que certos princípios e valores norteadores de meu pensar e fazer sintonizavam com teorias e ações feministas, sem que eu tivesse ainda um contato direto com esses movimentos específicos. Posteriormente, na metade dos anos 1990, em representação pelo antigo CEDOPE

(Centro de Documentação e Pesquisa) da Unisinos, numa assembléia do CEAAL (Conselho de Educação de Adultos da América Latina), conheci militantes da Rede Mulher de Educação e da REPEM nas quais exerço militância até o momento. A partir daí incorporo e busco compreender melhor a ação feminista no mundo e mais especificamente a América Latina e o brasileiro. Nessas redes, participam feministas e lideranças de outros movimentos de mulheres. Na RME e na REPEM, trabalhamos com a metodologia da educação popular feminista. A minha compreensão dos movimentos de mulheres como movimento social se dá na perspectiva da articulação do feminismo aos movimentos sociais populares, no meu entender, mais afinados com a realidade latina. Acredito que ainda são os portadores de utopias que nutrem a nossa esperança.

IHU On-Line - Como se deu a evolução do movimento feminista através da história e qual o papel e a função do movimento de mulheres hoje?

Clair Ziebell - Responder a essa questão satisfatoriamente implicaria tecer relações com o contexto Europeu e a influência norte-americana, no pós-guerra, os anos 1960 e seus desdobramentos, os movimentos sociais e as ONGs latino-americanas e brasileiras, atualmente. Mas, numa entrevista, temos que fazer o esforço da síntese. Assim, destaco o Brasil, num processo que vai de Nísia Floresta, no século XIX, em que as pautas eram a educação e a participação política. Passa pela conquista do voto com Bertha Lutz¹ e tantas ativistas, nas primeiras décadas do século XX (considerado um marco na luta das mulheres) até a atualidade, de Raimunda Gomes da Silva ou Raimundinha “dos cocos”, no Tocantins, como é conhecida essa militante no Conselho Nacional dos Seringueiros//Secretaria da Mulher Rural e Extrativista,

¹ Bertha Maria Julia Lutz (1894 –1976) foi uma das figuras pioneiras do feminismo no Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

associada educadora da Rede Mulher de Educação e integrante do grupo de mulheres brasileiras que concorreram coletivamente ao prêmio Nobel da Paz/2005. Uma história de feminismos (anarquista, liberal, radical, socialista...) ainda não totalmente reconhecida e escrita, mas de importantes avanços (participação em sindicatos por direitos trabalhistas, preparação de conferências e convenções nacionais e internacionais e as normatizações daí decorrentes, maior liberdade sexual e reprodutiva, conselhos de direitos de mulheres, delegacias da mulher, Lei Maria da Penha...) para citar as mais conhecidas.

As feministas serão sempre imprescindíveis. Se hoje as mulheres têm, formalmente, seus direitos explicitados, parte do mérito vem dessas militantes. Foram elas que, algumas inconformadas com o patriarcado, contra o capitalismo, outras apropriando-se dos estudos de gênero, da educação popular entre outros instrumentos usados no combate à desigualdade de gênero, de classe e de raça, trilharam caminhos antes inimagináveis para o reconhecimento dos direitos humanos das mulheres.

Acredito que esses movimentos, no mundo ocidental (do outro lado conhecemos pouco e de forma distorcida) sejam eles de inspiração feminista ou de outra influência, têm ainda um longo percurso pela frente. Entretanto, as demandas advindas das contradições geradoras da questão social capitalista são da humanidade. Temos que forjar mulheres e homens capazes de sonhar, imaginar e construir um outro jeito

de ser e de viver, garantidor da vida para as atuais e futuras gerações.

***IHU On-Line* - Quais as principais correntes feministas hoje?**

Clair Ziebell - Acredito que a corrente liberal ainda é mais forte do que queiramos admitir e influencia boa parte das ações feministas. As demais correntes existentes, como as marxistas/socialistas, incidem em grupos mais orgânicos e ligados a partidos políticos ou movimentos sociais mais amplos, como a marcha mundial das mulheres e os movimentos pela terra. Se formos pensar em novidade, teríamos o eco-feminismo, que, para alguns setores, parece trazer respostas para a preservação do planeta, quem sabe apontando para o eco-socialismo como esperança de tempos melhores.

***IHU On-Line* - O que a mulher de hoje mais reivindica?**

Clair Ziebell - As pautas mais reivindicadas atualmente na América Latina e Brasil, no âmbito macro, giram em torno da defesa do desenvolvimento sustentável e da conseqüente incidência de gênero na economia, da superação da visão antropocêntrica na economia e na política. A liberdade sexual e reprodutiva e a redução da pobreza e da violência doméstica e de gênero se destacam. Em síntese, ainda há necessidade de muita luta para que realmente os direitos humanos das mulheres sejam respeitados.

Artigo da Semana

A política externa americana para o Oriente Médio: petróleo, poder e ideologia

POR SILVIA FERABOLLI

O artigo a seguir foi escrito pela jornalista Silvia Ferabolli com exclusividade para a IHU On-Line. As conclusões fazem parte da pesquisa desenvolvida por Ferabolli em sua dissertação em Relações Internacionais, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2005, sob o título A (des)construção da Grande Nação Árabe: condicionantes sistêmicos, regionais e estatais para a ausência de integração política no Mundo Árabe. Graduada em Jornalismo pela Unisinos e especialista em assuntos políticos do Oriente Médio, Ferabolli prepara-se para cursar doutorado nessa área na Universidade de Cambridge, Inglaterra.

Esse breve ensaio busca responder três questionamentos centrais que intrigam aqueles que acompanham o desenrolar dos conflitos no Oriente Médio. São eles: 1) qual é o real interesse dos Estados Unidos no Oriente Médio? 2) por que a aliança com os dois Estados-chave do Mundo Árabe - o Egito e a Arábia Saudita - não é vista como suficiente para assegurar os interesses norte-americanos na região? 3) por que Israel é percebido como o aliado central e necessário dos Estados Unidos no Oriente Médio? Esse debate, que envolve, necessariamente, o entendimento do peso do petróleo, do poder e da ideologia nas ações de política externa americana para o Oriente Médio, terá por base o pensamento de Emmanuel Todd¹⁰ e Edward Said¹¹ Sobre o assunto em questão.

No que concerne à fixação dos Estados Unidos no Oriente Médio, Todd (2003) acredita que essa não seja

¹⁰ Emmanuel Todd (1951): historiador e cientista político francês. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ Edward Said (1935-2003): teórico literário palestino-americano, além de ativista palestino. (Nota da *IHU On-Line*)

fruto do temor de uma insuficiência do abastecimento de petróleo, já metade das importações petrolíferas americanas provém do chamado Novo Mundo, que está militarmente seguro para os Estados Unidos. Ainda, se forem somadas as quantidades provenientes desses países à própria produção americana, chega-se a um total de 70% do consumo dos Estados Unidos.

Os países do Golfo Pérsico fornecem apenas 18% do consumo americano. Dessa forma, a energia que se trata de controlar não é a dos Estados Unidos, mas a do mundo e, mais especificamente, a da Europa e do Japão, os dois pólos que, economicamente, desafiam a supremacia norte-americana. “A verdade é que, pelo controle dos recursos energéticos necessários à Europa e ao Japão, os Estados Unidos esperam manter a possibilidade de exercer pressões significativas sobre eles.” (TODD, 2003, p. 167).

Essa afirmação, feita pelo demógrafo francês, em 2003, vai ao encontro da fala do secretário de Estado

norte-americano, John Foster Dulles¹², ainda em 1958, que, na essência, advertia que o fornecimento vital de petróleo para a Europa Ocidental pelo Oriente Médio se tornaria crítica se os Estados árabes uniformizassem suas políticas petrolíferas. Assim, impor um sistema que impeça qualquer possibilidade remota de unificação das políticas árabes em relação ao petróleo, de maneira que sirva aos seus interesses, e não do mercado internacional da *commodity*, revela-se de vital importância para a manutenção da pretensa hegemonia americana no pós-Guerra Fria.

Por certo que as políticas petrolíferas dos Estados árabes já estão unificadas via OPEP. Contudo, essas políticas servem aos interesses dos membros dessa organização, especialmente das petromonarquias, não de todo o Mundo Árabe. Assim, impedir o desenvolvimento de qualquer forma de integração árabe que possa vir a alterar a correlação de forças na região em favor daqueles que querem mudanças políticas e econômicas que diminuam o poder dos chefes de Estado sobre os recursos nacionais e sobre suas populações é parte integrante do esquema de ações de política externa norte-americana para o Oriente Médio. Nas palavras de Said,

[. . .] assim como as campanhas francesas, britânicas, israelenses e americanas contra Nasser foram desenhadas para derrubar uma força que abertamente demonstrava sua ambição de unificação dos Estados árabes em uma força política independente, o objetivo americano hoje é refazer o mapa do Mundo Árabe para servir aos seus interesses, não os dos árabes. A política estadunidense gera fragmentação, ausência de ação coletiva e fraqueza política e econômica árabe. (2003a, p. 1)

A invasão norte-americana do Iraque, em 20 de março de 2003, esteve diretamente relacionada com essas questões, pois visava a permitir a instauração definitiva

¹² John Foster Dulles (1888-1959): estadista americano. Foi secretário de Estado no governo de Eisenhower, de 1953 a 1959. (Nota da *IHU On-Line*)

no país de um regime subserviente. A Arábia Saudita, desde o 11 de setembro, é uma aliada problemática para os Estados Unidos, já que a maioria dos terroristas envolvidos nos ataques de 2001 era saudita, e a possibilidade de tê-la sob controle militar direto, via novo Iraque, certamente deve ser considerado um dos motivadores da intervenção estadunidense.

Porém, o percebido declínio da hegemonia norte-americana também deve ser considerado uma força significativa por trás das ações que levaram à invasão do Iraque. Ainda conforme Todd (2003), o desgaste da hegemonia estadunidense obriga o país a atacar Estados fracos, como o Iraque e o Afeganistão, para mostrar ao mundo que os Estados Unidos ainda são indispensáveis para a defesa do planeta e que a comunidade internacional precisa de sua proteção contra o terrorismo global - o inimigo contemporâneo que veio substituir o comunismo como legitimador das ações imperialistas norte-americanas.

Quanto à segunda questão, pode-se afirmar com segurança que a impossibilidade de construção de uma ordem estadunidense no Oriente Médio que tivesse como centro a Arábia Saudita e o Egito reside no fato de que os regimes árabes, em sua totalidade, são a antítese do modelo americano de democracia e livre mercado. Assim, convencer as elites americanas da desejabilidade de criação de um sistema centralizado em uma monarquia absolutista e numa ditadura militar seria negar a supremacia dos valores americanos. Além disso, a importância dos aspectos culturais não deve ser subestimada:

de um lado, a América, país das mulheres *castradoras*, cujo anterior presidente foi obrigado a depor numa comissão de inquérito para provar que não dormiu com uma estagiária; de outro, Bin Laden, um terrorista polígamo com seus inúmeros meios-irmãos e meias-irmãs. (TODD, 2003, p. 162)

Israel, por sua vez, é um país ocidental por natureza,

que é visto pela população americana como uma democracia virtuosa, moderna e racional, ou seja, o Estado israelense é a antítese dos regimes árabes-islâmicos - pelo menos na percepção de boa parte dos norte-americanos.

Além desse compartilhamento de valores democráticos e liberais capitalistas, as políticas de Israel e dos Estados Unidos são aproximadas por meio do Comitê de Relações Públicas Israelense-Americano - AIPAC - um poderoso lobby de Washington que há décadas vem influenciando a política estadunidense para o Oriente Médio, e cuja força advém de uma população judaica bem-organizada, bem-conectada, altamente visível, bem-sucedida e abastada e que, por isso mesmo, enfrenta pouquíssima resistência. “Há um saudável temor e respeito pelo AIPAC em todo o país, mas especialmente em Washington, onde, em questão de horas, o Senado quase inteiro pode ser conduzido a assinar uma carta ao presidente em favor de Israel.” (SAID, 2003b, p. 98). Já os árabes “são muito fracos, divididos, desorganizados e ignorantes” (SAID, 2003b, p. 96). para fazer frente ao poder político da comunidade sionista norte-americana. No que tange à terceira questão, pode-se então inferir que a centralidade israelense no esquema estadunidense para o Oriente Médio é assegurada pela afinidade de visões de mundo entre Israel e Estados Unidos e pelo forte lobby sionista que trabalha efetivamente para a manutenção da posição de Israel como o mais importante aliado norte-americano na região.

Essas conclusões parecem corroborar a tese de Said (2003a) de que nos mais de cinquenta anos desde que os Estados Unidos impuseram a sua *pax* no mundo e, especialmente, no pós-Guerra Fria, o país tem conduzido a sua política externa para o Oriente Médio apoiada em dois princípios únicos e essenciais: a defesa de Israel e o livre fluxo do petróleo árabe, ambos envolvendo oposição direta às ambições de independência dos povos árabes ante a dominação ocidental, que iniciou há mais de 200 anos, com a invasão napoleônica do Egito, e que parece não ter previsão para acabar.

Referências

- FERABOLLI, Silvia. **A (des)construção da Grande Nação Árabe: condicionantes sistêmicos, regionais e estatais para a ausência de integração política no Mundo Árabe**. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UFRGS, 2005.
- SAID, Edward. *The Arab Condition*. *Al-Ahram Weekly*, Cairo, May 2003a. Disponível em: <<http://weekly.ahram.org.eg/2003/639/on2.htm>>. Acesso em: 1 maio 2005.
- SAID, Edward. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo, 2003b.
- TODD, Emmanuel. *Depois do Império*. Rio de Janeiro, Record, 2003.

Filmes da semana

Cartas de Iwo Jima e Conquista da Honra

TODOS OS FILMES COMENTADOS NESTA EDITORIA FORAM ASSISTIDOS POR ALGUM COLEGA DO IHU.

CARTAS DE IWO JIMA

Ficha Técnica

Título Original: *Letters from Iwo Jima*

Gênero: *Drama*

Tempo de Duração: *140 minutos*

Ano de Lançamento (EUA): *2006*

Direção: *Clint Eastwood*

Roteiro: *Iris Yamashita, baseado em livro de Tadamichi Kuribayashi e em estória de Iris Yamashita e Paul Haggis*

Sinopse: *Junho de 1944. Tadamichi Kuribayashi (Ken Watanabe), o tenente-general do exército imperial japonês, chega na ilha de Iwo Jima. Muito respeitado por ser um hábil estrategista, Kuribayashi estudara nos Estados Unidos, onde fizera grandes amigos e conhecia o exército ocidental e sua capacidade tecnológica. Por isso o Japão colocou em suas mãos o destino de Iwo Jima, considerada a última linha defesa do país. Ao contrário dos outros comandantes Kuribayashi moderniza o modo de agir, alterando a estratégia que era usada. Ele supervisiona a construção de uma fortaleza subterrânea, feita de túneis que davam para as suas tropas a estratégia ideal contra as forças americanas, que começam a desembarcar na ilha em 19 de fevereiro de 1945. Os japoneses sabiam que as chances de sair dali vivos eram mínimas. Enquanto isto acontece Kuribayashi e outros escrevem várias cartas, que dariam vozes e rostos para aqueles que ali estavam e o relato dos meses que antecederam a batalha e o combate propriamente dito, sobre a ótica dos japoneses.*

A CONQUISTA DA HONRA

Ficha Técnica

Título Original: Flags of Our Fathers

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 132 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2006

Direção: Clint Eastwood

Roteiro: William Broyles Jr. e Paul Haggis, baseado em livro de Ron Powers e James Bradley

Sinopse: *Fevereiro de 1945. Apesar da vitória anunciada dos aliados na Europa, a guerra no Pacífico prosseguia. Uma das mais importantes e sangrentas batalhas foi a pela posse da ilha de Iwo Jima, que gerou uma imagem-símbolo da guerra: cinco fuzileiros e um integrante do corpo médico da Marinha erguendo a bandeira dos Estados Unidos no monte Suribachi. Alguns destes homens morreram logo após este momento, sem jamais saber que foram imortalizados. Os demais permaneceram na frente de batalha com seus companheiros, que lutavam e morriam sem qualquer ostentação ou glória.*

Guerra e humanidade

O comentário a seguir é de Hélio Nascimento, publicado no Jornal do Comércio em 23-02-2007. As Notícias Diárias do IHU, em 21-09-2006, entrevistaram Nascimento com exclusividade. Para conferir a entrevista O Farol da crítica de cinema brasileira, acesse as Notícias Diárias do IHU no mecanismo Busca de Notícias.

Os dois monumentos realizados por Clint Eastwood¹³, tendo como tema a batalha pelo controle da ilha de Iwo Jima¹⁴, durante a Segunda Guerra Mundial, se enriquecem e se complementam de maneira a criar, em

¹³ Clint Eastwood: ator americano, diretor e produtor de filmes. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ Iwo Jima: ilha vulcânica situada no Japão, a aproximadamente 1.200 km ao Sul de Tóquio. Foi palco da Batalha de Iwo Jima, em fevereiro e março de 1945, entre os Estados Unidos e o Japão durante a II Guerra Mundial. Os Estados Unidos ocuparam Iwo Jima até 1968. (Nota da *IHU On-Line*)

seu conjunto, aquele que talvez seja o maior filme sobre conflitos armados até hoje realizado. São muitos os títulos maiores do gênero, mas nenhum deles supera em dramaticidade o que se vê agora em Cartas de Iwo Jima, o segmento japonês do díptico criado pelo cineasta. Baseado em roteiro escrito por Íris Yamashita¹⁵, que por sua vez trabalhou em colaboração com Paul Haggis¹⁶ na criação da história a ser narrada, Eastwood - sendo bom

¹⁵ Íris Yamashita: cineasta americana-japonesa indicada para o Oscar pelo filme *Cartas de Iwo Jima*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ Paul Haggis: cineasta canadense. (Nota da *IHU On-Line*)

lembrar que diretores de personalidade também orientam os roteiristas - cria imagens fortes, daquelas que costumam permanecer na memória do espectador muito tempo depois de encerrada a projeção. Mas não apenas por isso estamos diante de um filme excepcional, pois tudo está estruturado de tal forma que termina transformando a história narrada em resumo poderoso do ponto a que pode chegar a agressividade humana quando atçada por interesses que transformam os indivíduos em máquinas de destruição. Mas o filme não permanece preso aos cânones do discurso pacifista. À medida que descreve a brutalidade, vai, igualmente, erguendo uma forma visual que ressalta o lado oposto. Como num contraponto, ouve-se, também, a melodia humanista, o canto de fraternidade, a busca da harmonia. O filme não expressa sua aversão pela guerra apenas ao estabelecer tal contradição. Por vezes, como na imagem final, é o silêncio que adquire eloquência e praticamente torna explícita a crítica aos conflitos criados pelo homem e destinados à sua própria destruição.

Aproveitando o fato de o general Kuribayashi ter estudado nos Estados Unidos e ter feito amizades na América, o cineasta ressalta, não apenas baseado em tais dados, a irracionalidade que seu filme capta em plena ação. Há outros elementos. O campeão das Olimpíadas de Los Angeles também está presente, ostentando, numa das mais notáveis seqüências do filme, o fato de ter recebido em sua casa dois astros do cinema americano.

Contudo, nada de ingenuidades. Em outro momento de grande impacto, a atitude de um soldado americano diante de dois prisioneiros destrói qualquer possibilidade de alguma forma de humanismo prevalecer.

Entretanto, o mais importante, o tema que une Cartas de Iwo Jima ao outro filme, encontra-se no relacionamento entre o general comandante e o soldado que é retirado da companhia de uma mulher e levado para a guerra. Estabelece-se, então, entre o militar e o padreiro um relacionamento que recoloca em cena o tema do pai e do filho. Aquele que aparece três vezes como salvador do soldado que começa expressando sua desconformidade com os fatos e depois não participa do ritual em que vários colegas se suicidam. É ele - o soldado - que, como testemunha do último gesto de humanismo, enterra na caverna o testemunho revelador. Os personagens de Eastwood não estão presos na caverna para ter do mundo uma idéia através da visão das sombras. Eles experimentam na carne e na alma a dor insuportável do padecimento criado pelo próprio homem. Se a ameaça vem do exterior - o ataque americano - é no ser humano que se encontram as raízes do mal a ser entendido, como fica evidente na cena do cachorro sacrificado em nome da segurança. Mas também aí temos um contraponto e também no desespero do oficial ao ver o cavalo ferido. Em todo o relato de Cartas de Iwo Jima, está presente a perfeição das obras-primas.

Visível e invisível

Obedecer ao "certo" exclui a compreensão do que é certo: a própria natureza do certo escapa a quem obedece; Eastwood expõe os princípios que comandam a todos, mas que são exteriores a cada um. O comentário a seguir é de Jorge Coli, publicado pela Folha de São Paulo em 04-03-2007.

A "Conquista da Honra" e "Cartas de Iwo Jima", filmes dirigidos por Clint Eastwood, formam um díptico. Ambos têm, como núcleo, a montanha que se eleva numa ilha estéril.

No primeiro, ela serve de pedestal. A bandeira vitoriosa dos EUA foi plantada bem no pico. A célebre fotografia dos soldados no esforço de hasteá-la virou uma imagem definitiva na cultura do Ocidente. Ela foi mesmo fundida em bronze e virou um monumento. O diretor se interroga sobre a hipereposição à mídia, ao imaginário coletivo que se inventa pulsões heróicas, e demonstra o descompasso entre a crença na glória e as contradições humanas que ela encobre.

A ação do segundo filme, as "Cartas de Iwo Jima", se passa na mesma ilha, na mesma montanha que fede a enxofre, e sua péssima água provoca disenteria. É despida de qualquer vegetação. Mas, ao contrário do que se vê em "A Conquista da Honra", seu tema central não é a visibilidade de uma imagem. O cerne está bem escondido num buraco, no fundo das galerias escavadas montanha adentro. Ali, algumas cartas pessoais foram enterradas. Elas não falam das batalhas, dos combates, do heroísmo, dos mortos e dos feridos. Elas trazem sentimentos domésticos e familiares.

Essa correspondência é autêntica e foi encontrada há poucos anos. Nada de uma celebração pública do heroísmo, para a qual a montanha serviu de base física e simbólica, mas uma intimidade confidencial que a montanha guardou secretamente.

Tons

Os soldados acuados viraram toupeiras. Eles cavam para resistir, mergulhados numa batalha perdida de antemão. Morrem e matam-se por uma honra coletiva, viva, mas distante dos destinos de cada um.

Homens e areias, tudo é azul acinzentado, metálico. De vez em quando, num emblema figurando o sol nascente, numa ferida ensangüentada, vibra o vermelho.

Ferocidade

"Cartas de Iwo Jima" expressa uma oposição que está implícita em "A Conquista da Honra". A frase faça o que é certo porque é certo serve tanto para o dever dos soldados japoneses quanto o dos americanos. Esse certo, porém, se anula pelo fato de significar, para um, o aniquilamento do outro.

A obsessão ética vai mais fundo. Uma obediência ao certo exclui a compreensão do que é certo; ou seja, a própria natureza do certo escapa a quem obedece. Clint Eastwood expõe assim os princípios abstratos, políticos, militares, que comandam a todos, mas que são exteriores a cada um. Seria possível dizer que o diretor faz sobressair a humanidade espessa dos indivíduos, em carne e osso, carregados de sentimentos, separados de suas famílias, sofrendo dolorosamente, sobre o pano de fundo desumano estendido pelos políticos e pelos militares. Ocorre, porém, que esse desumano é, infelizmente, parte do humano porque foi também criado pelos homens. O diretor modela um humanismo feito de carne, osso e sentimentos para denunciar a barbárie feroz imposta do alto, comandada pelos ideais e pelas pátrias.

Além

Clint Eastwood intui comunicações invisíveis, impalpáveis, entre os indivíduos. Isso aparece, por exemplo, em "Meia-Noite no Jardim do Bem e do Mal" [1997] e, mais ainda, em "Dívida de Sangue" [2002]. As

"Cartas de Iwo Jima" mostram laços incompreensíveis. As cartas nunca foram enviadas. Pouco importa: elas são a expressão concreta desses sutis vasos comunicantes que, não se sabe bem a razão, mesmo à distância, unem os seres de maneira tão forte.

Teologia Pública

A eterna tentação de negar a realidade

POR JON SOBRINO

Publicamos um extrato da conferência proferida por Jon Sobrino, jesuíta, teólogo salvadorenho, no 2º Fórum Mundial Teologia e Libertação, realizado em Nairóbi, de 16 a 19 de janeiro. Sobre o tema, as Notícias Diárias (www.unisinos.br/ihu) veiculou três entrevistas com o Frei Luiz Carlos Susin: uma no dia 6/4/2006, outra em 15/01/2007 e outra em 9/2/2007.

*Nascido em Barcelona, na Espanha, no dia 27 de dezembro de 1938, Jon Sobrino entrou na Companhia de Jesus em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador. Doutorou-se em Teologia na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese *Significado de la cruz y resurrección de Jesús em las cristologías sistemáticas de W. Pannenberg y J.**

*Moltmann. Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia na Universidade Centro-Americana, de responsável pelo Centro de pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latino-Americana de Teologia e do Informativo Cartas a las Iglesias. Entre seus livros publicados em português citamos *Cristologia a partir da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1983*; e *A fé em Jesus Cristo. Petrópolis: Vozes, 2002*.*

O texto abaixo foi publicado pela Agência Adista, em 26-02-2007. Eis o artigo:

Uma observação prévia:

Entendo por religião, em sentido amplo, um modo pelo qual os seres humanos, como pessoas e como grupo, se relacionam com o que é último e que podemos chamar de Deus. Esta modalidade de relação nos configura num determinado modo, a partir do qual possamos configurar também a realidade: mudá-la, libertá-la, redimi-la. A religião não oferece receitas nem modelos para a mudança da realidade. E também não oferece um sucesso mecanicamente calculado, mas impele a trabalhar com radicalidade. Entendemos aqui por religião a tradição bíblico-jesuânica, aberta a outras tradições afins, historicizada por Martin Luther King¹⁷, Romero, Monzihirwa e por milhões de pobres dos quais saíram e aos quais se deram a si mesmos. Num sentido amplo, a religião está em relação com a Teologia da Libertação. A religião, assim entendida, nos introduz num paradoxo: move-nos invariavelmente a lutar pela libertação, mas sem garantir o sucesso como nós o entendemos. O que se garante é a dedicação total e a esperança que não morre: nas palavras de Dom Casaldáliga¹⁸: “Somos os vencidos de uma causa invencível”.

¹⁷ **Martin Luther King** (1929-1968): pastor e ativista político estadunidense. Pertencente à Igreja Batista, tornou-se um dos mais importantes líderes do ativismo pelos direitos civis (para negros e mulheres, principalmente) nos Estados Unidos e no mundo, através de uma campanha de não-violência e de amor para com o próximo. Tornou-se a pessoa mais jovem a receber o Prêmio Nobel da Paz em 1964, pouco antes de seu assassinato. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ **D. Pedro Casaldáliga**: bispo prelado de São Félix, Mato Grosso. É poeta e escritor de renome internacional. Quando assume a prelazia de São Félix, em pleno regime militar, denuncia veementemente o latifúndio e defende a reforma agrária e o direito indígena à terra. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, foi assassinado ao lado dele, no dia 12 de outubro de 1976. A edição 137 da *IHU On-Line*, de 18 de abril de 2005, publicou uma entrevista com Casaldáliga: *O próximo pontificado será um tempo de transição significativo*. A edição 89, de 12 de janeiro de 2004, trouxe entrevista com o religioso, falando sobre a homologação de terra contínua para índios. (Nota da *IHU On-Line*)

A religião não oferece receitas, porém oferece uma “reserva de humanidade”. Oferece a radicalidade inegociável da nossa dedicação à libertação. Mais concretamente, oferece a radicalidade de uma linguagem hoje ignorada. No mundo não existem somente limites e erros, mas existe pecado, aquele que dá a morte, lenta ou violentamente, o pecado mortal, que significa falência total daqueles que dão a morte. No mundo, não existe somente esforço próprio, mas também graça, salvação da arrogância (*hybris*). No mundo existem expectativas, com freqüência razoáveis, baseadas em cálculos, mas existe também a esperança que é fruto do amor. Contra toda esperança, esperamos no triunfo da justiça, porque vimos o amor (...).

As vítimas.

O Evangelho de João diz que “o maligno é assassino e mentiroso”. A libertação, “o outro mundo possível”, advém em presença do maligno e contra ele. A morte permanece oculta e, por isso, antes de tudo é preciso desmascarar a mentira. E, quando o fazemos, encontramos num mundo de vítimas. Manter esta honestidade em confronto com a realidade é exigência da religião e é fundamental para que as pessoas e os grupos possam trabalhar pela libertação.

Vejamos brevemente:

a) As vítimas e, em definitivo, somente as vítimas abrem os nossos olhos para a realidade. A religião insiste no fato de que este milagre de abrir os olhos é necessário e possível. O que aparece nas vítimas é pobreza, crueldade, morte. Coisa que exprime a desumanidade do mundo em que vivemos.

Esta realidade é oculta e calada. As vítimas nem sequer têm um nome. O 11 de setembro é conhecido, mas o 7

de outubro não. No 7 de outubro, um mês após o atentado contra as torres gêmeas de Nova York, uma ampla coalizão de países democráticos bombardeou o Afeganistão. Mas, o Afeganistão, pobre, vítima, não tem calendário, não tem nome, não existe.

As vítimas podem fazer-nos despertar do sono dogmático no qual se encontra imerso o mundo da abundância, democrático ou não. Recordemos as palavras dirigidas em 1511 por Antonio Montesinos¹⁹ aos encomendeiros²⁰, diante da sua crueldade em confronto com os indígenas de Espanha: “Estes não são homens? Não têm almas racionais? Como é que caístes num sono tão letárgico?” Como estão as coisas, parece mais difícil despertar deste sono de cruel desumanidade, do que do sono dogmático de que falava Kant.

b) As vítimas podem ser hoje os antigos “mestres da suspeita” que, não só denunciam o que é claramente um mal, mas suscitam também a suspeita sobre o mal que pode esconder-se por detrás do bem ou aquele que é aparentemente um bem. Alguns exemplos. Desmascaram a globalização como ideologia, porque ela quer oferecer um mundo em forma de “globo” (aquilo que para Platão simbolizava a perfeição), um mundo homogêneo que, se ainda não é tal, em breve o será. As vítimas deixam claro que na globalização há vencedores e vencidos. Desmascaram também as democracias que se apresentam como realidades boas, além das quais parece que não se possa andar. As vítimas revelam que, na realidade, as democracias reais se alimentam de vítimas reais. E, também em teoria, fazem suspeitar que o “demos”

19 Frei Antonio de Montesinos (-? - 1540): frade e pregador dominicano que se distinguiu no combate contra o abuso ao qual se submetiam os indígenas da América por parte dos colonizadores. (Nota da *IHU On-Line*)

20 Encomendeiros: a “encomenda” era uma forma oficial de exploração da mão de obra indígena, através da qual aldeias inteiras de Guarani eram doadas a colonos que os empregavam na agricultura e na extração do ouro. (Nota da *IHU On-Line*)

[povo] da democracia não inclui as maiorias pobres e certamente não as põe no centro da sociedade como acontece na tradição religiosa dos profetas e de Jesus.

c) As vítimas demonstram a existência dos ídolos e esclarecem sua verdadeira essência. O fato de que sejam veneradas expressões de vida, como os rios, o sol, a lua, nada tem a ver com a idolatria, mas com disposições antropológicas. Ao invés disso, é símbolo de idolatria o deus Moloc²¹, que exige vítimas para subsistir. Ídolos são hoje aquelas realidades históricas existentes que exigem vítimas para subsistir. Mons. Romero mencionava em seu tempo a idolatria do capital absolutizado e da segurança nacional. A sua linguagem não era metafórica, mas precisa: são ídolos porque exigem vítimas. E, enquanto defendia e apoiava as organizações populares, ele as punha em guarda sobre o perigo de se transformarem em ídolos, absolutizando-se a si próprias e causando outras vítimas. Ironicamente, não são os assim ditos povos primitivos os que prestam culto aos ídolos, mas as sociedades baseadas no capitalismo, seja o ocidental, agora globalizado, seja, no passado, o socialista.

d) As vítimas exigem retornar a um conceito há tempo esquecido: aquele de império. Com a queda do muro de Berlim, permanece uma única superpotência, os Estados Unidos, que se autocompreendem e agem como império, concebido como “destino manifesto”. E recordemos o que dizia Agostinho²²: *imperium est magnum latrocinium*.

21 Moloc: divindade fenícia e cartaginesa, deus do fogo ao qual se imolavam vítimas humanas, principalmente crianças. (Nota da *IHU On-Line*)

22 Aurélio Agostinho (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

e) As vítimas podem fazer-nos superar o docetismo (heresia que negava a carne real de Jesus Cristo), que hoje significa viver naquela irrealidade de ilhas, exceções ou anedotas, que é o mundo da abundância. E, viver na irrealidade é princípio de desumanização. As vítimas nos dirigem um convite, indefeso, a sermos realistas e nisto encontrarmos a salvação. Dizia Mons. Romero: “Alegro-me, irmãos, com as perseguições da nossa Igreja. Seria triste se, num país onde há tantos assassinatos, não houvesse sacerdotes assassinados. É a prova de que a nossa Igreja é cristã e salvadora”. São palavras extremas, mas, se não transformarmos em realidade algo do que exprimem, continuaremos a viver docilmente num mundo irreal, seja ele capitalista ou socialista, cristão ou muçulmano...

f) As vítimas nos mostram qual é o conteúdo fundamental mínimo da utopia: a vida digna e justa em fraternidade. Não se trata da utopia de Platão em A República ou daquela de Tomás Morus²³. E ademais, não é preciso compreender esta utopia dos pobres existencialmente como ou-topia, como aquele ambiente perfeito para o qual não há lugar (o qual visaria o mundo da abundância), mas como eu-topia, como aquele ambiente bom e necessário para o qual deve haver lugar.

Poder-se-ia dizer que, teoricamente, tudo isto pode ser desvelado sem tomar em consideração as vítimas. Realmente não sucede assim. Por isso, uma tradição religiosa que faça das vítimas a realidade central é uma grande contribuição à verdade, à justiça e à libertação.

²³ Sir Thomas More, ou Thomas Morus (1478–1535): advogado, escritor, político e humanista inglês. Foi executado por ordem do rei Henrique VIII e posteriormente canonizado pela Igreja Católica com o nome de São Thomas Morus. Sua obra mais famosa é Utopia, de 1516. (Nota da IHU On-Line)

A mística da compaixão.

A religião oferece também uma mística, uma espiritualidade, uma luz e uma força que guiam o nosso ver, fazer, esperar e celebrar. Concentramo-nos aqui sobre a compaixão como ponto central da mística. Se o maligno é não só mentiroso, mas também assassino, a verdade que desmascara a mentira vem acompanhada da compaixão que gera vida.

a) Entendemos por compaixão a reação de libertar do sofrimento os seres humanos pelo simples fato de sua existência. A compaixão é, então, elemento primeiro e último. Pode ser acompanhada de sentimentos, mas é mais que sentimento e deve ser historicizada. Assim, a compaixão deve tomar forma de ajuda, justiça, libertação, redenção... Na tradução jesuânica, a compaixão é a reação primária e fundamental de Jesus à repetida solicitação na boca dos pobres: “Senhor, tenha compaixão de mim”.

b) A religião assegura uma radicalidade e uma definitividade teológica à compaixão, segundo as palavras de Mons. Romero: *Gloria Dei, vivens pauper*. Fazer que o pobre viva (dando-lhe dignidade, justiça, vida...) é fazer, sim, historicamente, que Deus seja glorificado.

c) A compaixão não tem limites, como não os tem o amor. Por isso, a compaixão pode exigir que tudo lhe seja doado, inclusive a vida. Hoje, em muitos lugares do Terceiro Mundo, há muitos testemunhos desta compaixão total. E, além de demonstrar coerência em sua luta pela libertação, tornam-se motivo de esperança e de gratidão. É isso que mostra a celebração dos mártires.

d) A religião nos recorda que também a compaixão necessita ser manifestada sem arrogância. A arrogância tende sempre a corromper tudo, incluindo as coisas boas. Na nossa história, sucede, em maior ou menor medida,

que também os movimentos de libertação degenerem e isso não deveria causar admiração, já que são humanos. Porém é importante não pensar que, pelo fato de atuarmos pela libertação, estejamos imunes do egoísmo e do que dele resulta. A religião nos recorda, nas palavras de José Ignacio González Faus, que “é preciso fazer a revolução como quem foi perdoado”.

O mistério das vítimas e o mistério de Deus.

Partindo das vítimas, podemos pôr em palavras, balbuciando, aquilo que há de mistério último na realidade.

a) O mistério existe como enigma terrível sob forma de *mysterium iniquitatis*. Parece terrificante, como vimos no primeiro ponto: seres humanos que causam a morte, injusta e cruelmente, desumanizando-se a si próprios. Mas, também no mundo das vítimas se manifesta o mistério da iniquidade. É a tragédia do Ruanda e dos Grandes Lagos, com a responsabilidade secular do Norte e sua insensibilidade atual, mas também com a responsabilidade destes povos. Melquisedek Sikuli, bispo congolês, reconhece-o depois de haver enumerado os imensos problemas que devastam o seu país: miséria, injustiça, exilados, mulheres violentadas e aldeias saqueadas, sob o fundo do pecado do colonialismo. Mas, não dissimula os males do país, como o drama dos meninos-soldados, embora a compaixão diante de tanto sofrimento o impila a procurar alguma explicação. Cita algumas palavras de Kouroma, no seu livro “Alá não está contente”: “Quando não se tem ninguém no mundo, nem pai, nem mãe, nem irmã, e se é ainda uma criança num país devastado e bárbaro, onde todos se matam, o que se pode fazer? Começa-se a ser menino-soldado para comer e matar: é tudo o que nos resta”.

b) O *mysterium salutis* se faz real nos sucessos, pequenos ou grandes, dos pobres, na solidariedade que

eles geram em muitos e na fraternidade que vai nascendo entre pessoas, grupos e povos. Também nos estudos e nas análises teóricas com a finalidade de propor modelos de salvação, bem como nas estratégias práticas para concretizá-los. Exprime-se na identidade, nas culturas, nas religiões, sobretudo dos povos ancestrais, muitos dos quais empobrecidos e que resistiram através dos séculos também entre muitas dificuldades. É sempre mais evidente que se arriscam todos.

Mas, também nos momentos de sofrimento, nas vítimas e nos pobres pode surgir, e surge, um anelo de sobrevivência e convivência com os outros, trabalhando com criatividade, dignidade, resistência e força sem limites, desafiando imensos obstáculos. Não tenho palavras para descrevê-lo. Chamei-o de santidade primordial. Não se pode dizer o que haja nela de liberdade ou de necessidade, de virtude ou de obrigação, de graça ou de mérito: ela não deve ser necessariamente acompanhada de virtudes heróicas, mas ela se expressa numa vida totalmente heróica. Esta santidade primordial convida uns a dar aos outros, uns a receber dos outros, a celebrar uns com os outros a alegria de serem humanos. Podemos dizer que destes pobres provém salvação.

c) E nos pobres se entrevê Deus. Digamo-lo para concluir, com palavras muito caras a Gustavo Gutiérrez²⁴. Em meio ao sofrimento do inocente, ele se pergunta

24 Gustavo Gutiérrez (1928): padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, a *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975, traduzida para mais de uma dezena de idiomas, e que o converteu num teólogo polêmico. Uma década mais tarde participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os desfavorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja, especialmente latino-americana. Alguns dos últimos livros de Gustavo Gutiérrez são: *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas*. (São Paulo: Paulus, 1992); e *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 2003. (Nota da IHU On-Line)

“como falar de Deus a partir de Ayacucho”, cidade peruana que, em quéchuá, quer dizer “ângulo dos mortos”? Aqui estão perguntando pelo Deus Jó, por Ivã Karamazov (personagem de *Os irmãos Karamázov*, obra do escritor russo Fiódor Dostoiévski. Era um intelectual e niilista que “doutrinou” o meio-irmão Smierdiákov, criado da casa, de que “tudo é permitido”. O diálogo conhecido como Grande Inquisidor, no qual essa afirmação é feita, acontece entre Ivã e Aliéksiei, o filho religioso. Sobre Dostoiévski, confira a edição 195 da *IHU On-Line*, de 11-09-2006), por Jesus sobre a cruz (...). Os pobres conduzem a Deus porque Deus está neles, ao mesmo tempo oculto e manifesto. E são “os vigários de Cristo”.

Conclusão

Tudo isso que dissemos pode ser feito em muitas situações, como neste Fórum Mundial de Teologia e Libertação ou na vigília do Fórum Social Mundial. O seu significado específico pode ser o seguinte:

A tradição religiosa que analisamos afirma a imperiosa necessidade da justiça e a necessidade de todo esforço econômico, social, político e cultural por um mundo diverso. Compartilha a esperança de que este novo mundo é possível. E impele todos a trabalharem para isso.

Talvez aquilo que dissemos possa ajudar a oferecer um modo de proceder que, segundo nós, nos encaminha para uma libertação mais global e profunda. Trata-se de pôr no centro as vítimas e a compaixão por elas, de caminhar na práxis e com esperança em direção a um mistério último que a religião chama de Deus. De caminhar em companhia de muitos irmãos e irmãs, testemunhas e mártires de todo o mundo. E, na tradição cristã, de caminhar seguindo Jesus, nosso irmão mais velho e maior.

Nada disso reduz a importância e a necessidade das análises que devem ser feitas no Fórum Social Mundial, mas talvez possa ajudar a pô-las em prática do modo mais humano possível.

Semana em Foco

Esta editoria faz uma análise da conjuntura da semana com uma (re)leitura das Notícias Diárias publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) diariamente.

Semanalmente, o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT- com sede em Curitiba, em parceria com o IHU, elabora uma análise da conjuntura, a partir das Notícias Diárias e da Entrevista do Dia, publicados diariamente pela página do IHU.

A última análise, do dia 28-02-2007, que pode ser acessada no endereço www.unisinos.br/ihu.

Destaques On-Line

Essa editoria informa artigos e entrevistas que foram destaque nas Notícias Diárias do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos mesmos que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Entrevista com Nildo Silva Viana

Título: Capitalismo e Cinema. Visões equivocadas da indústria cultural

Confira nas Notícias Diárias do dia 2-3-2007

O cientista social da Universidade Brasília, concedeu uma entrevista sobre capitalismo e cinema.

Entrevista especial com Irmã Lourdes Dill e Kenneth Serbin

Título: Dom Ivo Lorscheiter. Um gigante da esperança

Confira nas Notícias Diárias do dia 2-3-2007

A *IHU On-Line*, em comunhão com todos e todas que torcem pela saúde de Dom Ivo Lorscheiter, Bispo Emérito de Santa Maria, entrevistou duas pessoas próximas a ele.

Entrevista com Ivo Poletto

Título: Amazônia e seu povo. Propostas e práticas de convivência com este bioma

Confira nas Notícias Diárias do dia 1-3-2007

O filósofo, teólogo, cientista social e educador popular, Ivo Poletto, concedeu uma entrevista sobre a Amazônia, tema da Campanha da Fraternidade deste ano.

Entrevista com Giovanni Antonio Pinto Alves

Título: Temas candentes da sociedade burguesa em discussão

Confira nas Notícias Diárias do dia 28-2-2007

O doutor em Ciências Sociais pela Unicamp e professor de Sociologia da Unesp - Marília, Giovanni Antonio Pinto Alves, concedeu uma entrevista sobre capitalismo e

cinema.

Entrevista com Jackson Müller

Título: O Rio dos Sinos e a crise na Fepam

Confira nas Notícias Diárias do dia 27-2-2007

Ex-diretor técnico da Fepam, Jackson Muller, analisa a situação do Rio dos Sinos.

Entrevista com Adriano Martins

Título: A luta pelo Rio São Francisco

Confira nas Notícias Diárias do dia 26-2-2007

Sociólogo ambientalista, Adriano Martins, conversou sobre a retomada do projeto de transposição do Rio São Francisco.

Entrevista com Rigoberta Manchu

Título: “A Guatemala não é um país pobre, mas sim empobrecido”

Confira nas Notícias Diárias do dia 03-03-2007

Rigoberta Manchu, dirigente indígena da Guatemala e prêmio Nobel da Paz, anuncia candidatura a presidência da Guatemala.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM REPRODUZIDOS NAS *NOTÍCIAS DIÁRIAS* DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Entrevista com Manuel Antonio Garretón

Título: Venezuela debate a relação entre democracia e socialismo

Confira nas Notícias Diárias do dia 1-3-2007

A análise é de Manuel Antonio Garretón, sociólogo e professor da Universidad de Chile, em artigo publicado no jornal Clarín, no dia 25-02-2007.

Artigo de Ricardo Abramovay

Título: Páginas da Vida. A economia na intimidade e a intimidade na economia

Confira nas Notícias Diárias do dia 1-3-2007

Ricardo Abramovay, professor titular do Departamento de Economia da FEA, do Programa de Ciência Ambiental da USP e pesquisador do CNPq, faz uma análise das relações humanas nos termos econômicos utilizando-se da novela *Páginas da Vida*. Publicou no jornal Valor Econômico, do dia 23-02-2007.

Artigo de Fábio Konder Comparato

Título: Delegados do povo ou donos do poder?

Confira nas Notícias Diárias do dia 28-2-2007

"Admite-se, quando muito, que o povo escolha periodicamente os seus tutores ou curadores. Mas a esmagadora maioria destes, como ninguém ignora, exerce o encargo no seu próprio interesse e benefício", escreve Fábio Konder Comparato, advogado, professor titular aposentado da Faculdade de Direito da USP. O artigo foi publicado no jornal Folha de S. Paulo no dia 28-02-2007.

Artigo de Marc Augé

Título: Quando os jogos eram uma cerimônia religiosa e simbólica

Confira nas Notícias Diárias do dia 26-2-2007

Marc Augé, antropólogo, reflete sobre a violência nos estádios de futebol na contemporaneidade. O artigo foi publicado nas Notícias Diárias do dia 26-02-2007.

Frases da Semana

Bush

“Vamos deixar o milho para as galinhas, Bush!” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Estado de S. Paulo**, 2-03-2007.

“É uma coincidência que Mister Bush chega à Brasília e quase ao mesmo tempo eu chego em Buenos Aires; que Mister Bush chega a Montevideú e quase ao mesmo tempo eu em Buenos Aires; que Mister Bush chega à Colômbia e eu chego à Bolívia:

Lula e as greves

“Penso que há abusos em greves, e não apenas no setor público. Há em outras categorias” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Globo**, 4-03-2007.

Política e Economia

“As redes sociais e a mídia gerada pelo consumidor representam para o monopólio das empresas sobre suas marcas e processos produtivos a mesma coisa que a prensa representou para o monopólio da Igreja sobre a produção e circulação de idéias e informações” - **Marcelo Coutinho**, diretor da unidade Inteligência do Ibope - **Blue Bus**, 1-03-2007.

Dieta

“Em um país como o nosso, em que um varejão vende um quilo de legumes, verduras ou frutas pelo valor de R\$ 0,20 a R\$ 1, é brincadeira falar que fazer dieta correta é caro. Caro é fazer dietas da moda e pagar, por exemplo, R\$ 200 por um pote

Intelectuais

“No plano da responsabilidade política, vejo três pontos que podem ser banais, mas difíceis de encontrar em conjunção no Brasil: o intelectual ser de esquerda, ser intransigente com a corrupção e ser democrático” - **Ruy Fausto**, filósofo - **Folha de S. Paulo**, 4-03-2007.

quase nos cruzamos nos aviões” - **Hugo Chávez**, presidente da Venezuela - **El País**, 4-03-2007.

“Enquanto Hugo Chávez envolve o argentino Néstor Kirchner, o boliviano Evo Morales e o equatoriano Rafael Correa com o petróleo, Lula e Bush se abraçam com o biocombustível” - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 4-03-2007.

“A relação Brasil-EUA já vai longe, como raramente se viu” - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 4-03-2007.

“A área econômica está blindada pelo sucesso dela” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Estado de S. Paulo**, 2-03-2007.

“Ele trabalha no escritório dele, na sua residência, mas trabalha comigo” - **Eduardo Suplicy**, senador, explicando a contratação, com um salário de R\$ 9 mil, de Paulo Nogueira Batista Jr. - **O Estado de S. Paulo**, 27-02-2007.

“Ele (Suplicy) disse que era legal e que também era uma prática muito comum” - **Paulo Nogueira Batista Jr.**, economista, explicando a sua contratação pelo gabinete do senador Eduardo Suplicy - **O Estado de S. Paulo**, 27-02-2007. de “shake” - **Priscila Barsanti de Paula**, nutricionista - **Folha de S. Paulo**, 1-03-2007.

“Vamos deixar de modismos e comer como nossos avós. Eles estavam certos” - **Edson Credidio**, nutrólogo - **Folha de S. Paulo**, 1-03-2007.

Eventos

Jesus Cristo “Superstar”

CICLO DE FILMES E DEBATES JESUS NO CINEMA

Reler a pessoa de Jesus com base no tipo “superstar”, fora dos padrões convencionais e mais próximo dos grupos alternativos da revolução jovem da década de 1970. Essas são algumas das características da produção de Norman Jewinson (o mesmo de Feitiço da Lua), Jesus Cristo Superstar. Rodado em 1973, o filme estreita a figura de Jesus com a juventude transgressora daquele tempo. Assim, é preciso entender o filme à luz dos movimentos que fizeram história nas décadas de 1960-1970.

Outro aspecto curioso é que a figura de Cristo é mostrada como a de um adolescente comum, que tinha defeitos morais, distante das representações clássicas que o cinema e a tradição fazem. Percebe-se, igualmente, uma influência marcada do movimento hippie no personagem, criando uma espécie de Woodstock bíblico. Todas as falas são cantadas pelos atores, e o filme recebeu uma indicação ao Oscar na categoria de Melhor Trilha Sonora. Com seis indicações ao Globo de Ouro, Jesus Cristo Superstar ganhou o prêmio BAFTA de Melhor Trilha Sonora, além de ser indicado nas categorias Melhor Figurino e Melhor Fotografia.

Esta é a segunda vez que a Programação de Páscoa do IHU apresenta Jesus Cristo Superstar. A primeira exibição aconteceu em 18-03-2006, conduzida pelo Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz, da Unisinos. Sobre o tema, ele concedeu entrevista à edição 171, de 13-03-2006, disponível para download no site do IHU, www.unisinos.br/ihu. Desta vez, o Prof. Dr. José Baldissera, da Unisinos, e o Prof. Dr. Aldir Crocoli, da ESTEF, debaterão o filme Jesus Cristo Superstar, marcada para 10-03-2007, a partir das 8h30min, na Livraria e Editora Pe. Réus (Rua Duque de Caxias, 805, Porto Alegre) dentro da programação do Ciclo de Filmes e Debates Jesus no Cinema.

FICHA TÉCNICA

Título Original: Jesus Christ Superstar

Gênero: Musical

Tempo de Duração: 106 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1973

Estúdio: Universal Pictures

Distribuição: Universal Pictures

Direção: Norman Jewison

Roteiro: Melvyn Bragg e Norman Jewison, baseado no musical de Andrew Lloyd Webber e Tim Rice

Produção: Norman Jewison e Robert Stigwood

Música: Andrew Lloyd Webber

Fotografia: Douglas Slocombe

Desenho de Produção: Richard MacDonald

Direção de Arte: John Clark

Figurino: Yvonne Blake

Edição: Antony Gibbs

SINOPSE

Os sete últimos dias de Jesus (Ted Neely) na Terra (terminando na crucificação, mas sem contar a ressurreição) sob a visão atormentada de Judas Iscariotes (Carl Anderson). É uma mistura de passado e presente, pois os soldados romanos usam metralhadoras e perseguem um Cristo hippie.

Frida Kahlo, as mulheres e a solidariedade que se estabelece pela dor

IHU IDÉIAS

Uma mistura entre arte e sofrimento. Assim podemos resumir a trajetória da pintora mexicana Frida Kahlo (1907-1954). Vítima de poliomielite, sofreu ainda inúmeros acidentes, lesões e enfermidades ao longo da vida. E numa de suas convalescenças, em 1925, após um grave acidente de automóvel, foi que Frida deixou vir à tona o talento que corria em suas veias. Começou a pintar. Três anos mais tarde, quando ingressou no Partido Comunista Mexicano, conheceu o muralista Diego Rivera, com quem se casou. Os quadros de Frida eram tão carregados de simbolismo que André Breton, em 1938, chegou a classificar sua obra de surrealista. Mas ela disparou: "Acreditavam que eu era surrealista, mas não era. Nunca pintei meus sonhos. Pintei minha própria realidade". Consagrada ainda em vida, Frida rodou o mundo expondo suas obras. Em 2002, sob a direção de Julie Taymor, chegou às telas um longa que narra a história da pintora. No papel principal, Salma Hayek, e como Diego Rivera, Alfred Molina.

E para discutir aspectos da trajetória de Frida é que a Prof^a. Dr^a. Edla Eggert, professora do PPG de Educação, apresenta o IHU Idéias. A atividade vai das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU, nesta quinta-feira, 08-03-2007. Na entrevista, concedida por e-mail, Eggert adianta alguns dos aspectos que irá trazer para debate com o público. "A solidariedade pode ser apresentada pelo viés da cumplicidade, pois todas as mulheres se percebem diferentes, e de perto ninguém é normal mesmo. Então, na verdade, todas as mulheres têm um pouquinho de Frida", disse a entrevistada à IHU On-Line.

Eggert é doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) de São Leopoldo e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professora na Área de Ciências Humanas da Unisinos. Edla Eggert já participou de inúmeras atividades do IHU. Ela é autora juntamente com a Profa. Dra. Márcia Tiburi o artigo As mulheres e a filosofia publicado nos Cadernos IHU Idéias, ano 1, número 2 disponível na página www.unisinos.br/ihu.

IHU On-Line - Qual é a relação entre Frida Kahlo, as mulheres e a solidariedade que se estabelece pela dor?

Edla Eggert - Frida Kahlo foi uma mulher autêntica no seu modo de ver o mundo. Diria que ela teve a coragem de dizer o que Marcela Lagarde y de Los Rios (2005) tanto enfatiza: "ser eu mesma"! Quando uma mulher afirma isso se coloca frente a frente consigo mesma na condição de ser - ser humana. A conseqüência de admirar mulheres como Frida Kahlo, tanto na sua obra quanto na sua vida, tem um efeito curioso. Nas prateleiras do grande "mercado de artesanias" na cidade do México, pude encontrar quadros com a imagem de Frida reproduzidos de forma artesanal, ou seja, relidas por artistas populares como se fossem réplicas de uma santa com pequenas velas a serem acesas para que se façam preces. A produção criativa advinda da dor, do desejo de se colocar como a diferente, a marxista, estabeleceram íntimas relações com as marginalidades. A solidariedade pode ser apresentada pelo viés da cumplicidade, pois todas as mulheres se percebem diferentes, e de perto ninguém é normal mesmo. Então, na verdade, todas as mulheres têm um pouquinho de Frida.

IHU On-Line - O que a trajetória dessa pintora pode ensinar às mulheres do século XXI?

Edla Eggert - A trajetória da pintora de expor a dor, de visibilizar o corpo em dor torna possível e político o mundo privado. Os sussurros de dor expostos. As mulheres que vivem em dor na condição das violências sexuais, morais, psicológicas que ainda tão presentes em muitos espaços e cotidianos, podem aprender com Frida a produzir uma visibilidade para sua dor. Não quero dizer com isso que todas as pessoas devem pegar pincel e tinta e sair a pintar seus corpos, quero dizer que a criação é fundamental para o salto, de ser para si um pouco mais humana. E mesmo assim e apesar de tudo viver em dor, porém expressá-la por alguma linguagem.

IHU On-Line - O componente feminino é mais suscetível a promover a solidariedade pela dor? Por quê?

Edla Eggert - Não acredito que haja componentes femininos ou masculinos. Há uma educação profundamente patriarcal que marcou o feminino e também o masculino numa relação de dependência e subjugação que força a compreensão do corpo da mulher e da mulher em si como "o não ser", ou como o ser sempre de alguém e para os outros como bem dizia Franco Basaglia²⁵ (1983). Frida Kahlo é inspiradora e parceira dos homossexuais num quadro intitulado *little deer*. Então, neste século XXI, o componente suscetível para promover a solidariedade pela dor deverá ser a possibilidade de as pessoas serem mais humanas, fazendo o diferente ser normal.

²⁵ **Franco Basaglia** (1924-1980): médico e psiquiatra, precursor do movimento de reforma psiquiátrica italiano conhecido como Psiquiatria Democrática. (Nota da *IHU On-Line*)

Páscoa 2007

Cultura, arte, esperança

Um dos eventos mais importantes e deliciosos do ano começa no dia 12-3-2007 no IHU. A Páscoa será celebrada com uma programação recheada de atividades. Serão palestras, exibições de filmes, exposição de obras de arte, tudo com o intuito de contribuir nos debates sobre temas atuais relevantes, especialmente aqueles voltados para a problemática da ética, de valores humanos e cristãos. O evento inicia dia 12-3 e termina 4-4. Quem quiser conferir a programação inteira é só acessar o sitio do IHU - www.unisinos.br/ihu

*Nos dias 29 a 31 de março realizar-se-ão as audições comentadas de obras clássicas de Bach (*Himmelfahrtsoratorium*²⁶ e o *Credo da Missa em Si Maior*), Mozart (o *Credo da Missa em Dó Menor* e a *Krönungsmesse*²⁷ e J. Haydn (*Die sieben letzten Worte unseres Erlösers am Kreuze*²⁸).*

²⁶ Oratório da Ascensão - BW 11

²⁷ Missa da Coroação - K 317

²⁸ As sete últimas palavras de nosso Redentor na cruz

Perfil Popular

A nova editoria da revista IHU On-Line trará, em suas páginas, a partir desta edição, o perfil popular de alguém que, mesmo não vivendo no mundo acadêmico, sempre tem o que ensinar. Contaremos aqui a história de vida e a visão de mundo de pessoas que lutam pela sobrevivência e pela dignidade e que, apesar das dificuldades, têm sonhos e anseios de uma vida melhor.

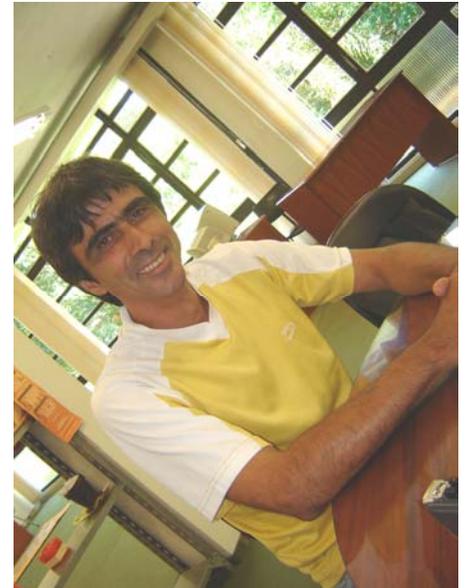
A edição de hoje traz a entrevista com Mauro Nunes da Silva, 42 anos, presidente da Cooperativa de Habitação e Serviços Cooperprogresso, de São Leopoldo. Ele conta que ingressou na cooperativa pela necessidade de habitação, para sair do aluguel. Depois, acabou se agregando à direção da cooperativa para ajudar com a experiência que tinha em lidar com outras pessoas.

Antes da cooperativa, Mauro era taxista, quando também já era liderança do grupo, participando de sindicato e outras atividades do gênero. “Na cooperativa não foi diferente. Tentando ajudar, acabei assumindo esse papel de líder. Hoje eu vivo disso. Sou presidente da cooperativa e sou remunerado pra isso”, conta.

As atividades da cooperativa

A idéia inicial da Cooperprogresso era fazer casas para todos os associados, um loteamento. “Depois, a gente percebeu que isso não bastava, pois as pessoas que mais necessitavam iam acabar saindo, indo pra outros lugares.

Mauro Nunes da Silva



Daí perde o valor a nossa conquista”. Mauro refere-se às pessoas que vendiam as casas construídas pela cooperativa. “Então, a gente começou a pensar em trabalho. Resolvemos dar um seguimento às nossas atividades, até porque nós tínhamos pessoas lá com necessidade de trabalho, que não tinham formação ainda”. E confessa: “são essas coisas que me dão um prazer muito grande”.

Perguntado sobre o que ele mais aprende com as pessoas da cooperativa, Mauro é enfático: “tudo”. E explica: “a minha formação é pouca. Fiz o primeiro grau, mas de tudo que sei nos meus 42 anos, uns 80% eu aprendi nos últimos cinco anos, lá na cooperativa”. Ao todo, são 320 famílias envolvidas. Algumas se desenvolveram, outras regrediram, e outras conseguiram estudar. “Nós temos lá dentro, desde pessoas formadas em Economia até papeleiros. Uns ajudam os outros. Eu aprendi muito com isso. Nossa vida é meio, vamos dizer assim, amores e ódios. Mas tem que ter bastante

democracia que funciona. Um pouco errado, um pouco certo, mas está indo”.

Um sonho de vida

O maior sonho de Mauro é conseguir, dentro da comunidade onde vive, fazer as pessoas, que estão lá, conseguirem permanecer no local, após a conclusão do loteamento. “Não quero que elas saiam por não terem emprego; não precisam ir embora para voltar para a terra natal”. Mauro sonha que o grupo da cooperativa possa se auto-sustentar. Na opinião dele, o que mais falta para as 320 famílias beneficiadas pela cooperativa é formação. “Algumas assessorias e outras coisas que nos faltam, nós também estamos providenciando, mas, às vezes, as coisas estão ao nosso alcance, e a gente não consegue alcançar”. O trabalho é um exemplo, cita Mauro. Ele conta que está desenvolvendo alguns projetos de trabalho e renda, mas acha que é preciso avançar em alguns setores que não foram desbravados ainda. “Tem pessoas nossas indo embora, porque não têm emprego, não conseguem se sustentar, vão morar com o pai ou a mãe, porque, de repente, têm um pedacinho de terra que as fazem voltar pro interior. Essa pessoa certamente vai voltar frustrada, porque ela veio há dez anos com uma expectativa e está voltando pra esse mesmo local”.

O mundo de Mauro

O presidente da Cooperprogresso é casado e tem quatro filhos. Ele se considera uma pessoa muito feliz. Na hora de educar seus filhos, Mauro prioriza a importância da honestidade. “Procuro mostrar pra eles como a vida pode ser. A importância de avançar na escola, de ter formação. Eu não tenho, e hoje faz muita falta. Eu não tive tempo pra me educar”. Ele confessa que até tem vontade de voltar a estudar, mas acha que acabou colocando outras prioridades. “Por isso, quero ensinar meus filhos a serem pessoas honestas, mais

justas com a sociedade, mais justas com o próximo, com eles mesmos e com suas famílias”.

A importância de um lar

Mauro faz questão de ressaltar a importância da habitação, de as pessoas terem onde morar. “Eu conheço muito bem isso. O cidadão brasileiro, se estiver desempregado, sem ter o que comer, é horrível. Mas se ele puder voltar pra casa no final da tarde, fazer um chimarrão, tomar uma água com a sua mulher e os seus filhos dentro de uma casa, ele consegue pensar em soluções, pensar no dia de amanhã”.

Uma visão sobre o Brasil e a política

Mauro acha que o País vai para o lugar certo, mas que ainda levará muito tempo. “O nosso país é uma máquina muito viciada. Com a revolução política latino-americana, me parece que a esquerda assumiu a América Latina, num tipo de socialismo, diferente de país pra país. Talvez o Brasil seja um dos piores, com a metodologia mais fraca, menos ofensiva. Os outros líderes, como o Hugo Chávez, estão sendo mais agressivos nessa questão”. Para Mauro, a crise se resolve com mais educação e saúde. “Acho que não precisa investir em segurança. Se investir um pouco mais na educação, se resolve o resto”. No entanto, Mauro acredita que a mudança vai acontecer pela sociedade. “O governo dá as suas atiradas, mas o que depende é de nós, pessoas, termos mais solidariedade, menos individualismo, porque a política em geral já é colocada dessa forma e individualiza as pessoas. As questões ambientais não estão bem praticadas nas escolas e universidades. Tinha que ser lei o ensino ser mais agressivo na questão ambiental. Eu não tenho essa cultura. Acho que meu filho vai ser melhor que eu”.

A fé de Mauro

Mesmo batizado na Igreja Católica, Mauro não segue a

religião. “Vou à igreja só quando preciso, como pra batizar um filho, me casar, nos rituais sociais. Tenho fé em Deus, mas sem padre no meio. Não pratico a doutrina religiosa que eu aprendi. Acho que isso é mais uma beleza tradicional, pra tirar fotos. Acredito muito em Deus, é com ele que eu me confesso. Ele é importante pra mim”.

O que mais incomoda e o que mais faz o Mauro feliz

“Na minha opinião, as maiores mazelas do mundo são a política e a imprensa”. O ex-taxista conta que gosta de política quando vê bons exemplos. Mas, para ele, o povo tem que fazer alguma coisa. “Eu faço, e aquilo que eu acho errado eu protesto, seja com quer for. A política me incomoda muito da forma como ela é exercida em alguns países, como nos EUA, pela forma como os americanos tratam os muçulmanos”. Outra coisa que o incomoda muito é a imprensa. “Acho a imprensa mundial muito vendida, muito subordinada aos governos. Se eu, como cidadão, atirar um papel de bala no chão, posso ser preso; o político rouba uma cidade inteira e a imprensa não faz nada. Isso me incomoda”. Mauro se revolta porque ele afirma praticar ações justas e, em muitos casos, a imprensa não dá espaço para elas. Os resultados do seu trabalho são o que fazem Mauro mais feliz. Além disso, seu ânimo de viver vem da sua família e dos seus pais. “Os resultados me animam, sinto-me um vitorioso. Sinto que vale a pena. Fico triste porque os resultados podiam ser muito maiores, mas me anima a trabalhar mais pelo que quero”. Mauro acredita no ser humano. “Temos um potencial muito grande, mas que não está sendo explorado. Vejo pessoas que estão além da margem da exclusão social, que não têm nada, mas que conseguem nos ensinar bastante. Consigo tirar muita coisa boa dessas pessoas. Se a humanidade pudesse ser mais solidária, as coisas se resolveriam muito mais fácil. Não é nosso papel, mas só o governo não consegue resolver. Nós somos responsáveis pela nossa

desinformação, por colocar políticos lá que não fazem nada pela população”.

Profissão: taxista

Foi no seu tempo de taxista que Mauro aprendeu a lidar com as pessoas. Ele explica que o taxista, para ter um bom relacionamento, tem que ouvir as pessoas. “Eu queria que o cliente voltasse, então puxava um assunto, pra ver se a pessoa começava a conversar. As mulheres falavam os problemas que tinham com o marido, com os filhos, coisas que não sei pra quem mais elas contavam, mas pra mim elas contavam. Eu era uma pessoa que parecia amiga, um tipo de analista”. Mauro aprendeu nessa profissão, por necessidade, a trabalhar com pessoas muito diferentes. Ele lembra que era muito preconceituoso, principalmente em relação ao homossexualismo e à religião. “Depois, passei a trabalhar com tudo isso, a conhecer um pouco mais as pessoas. Isso me fez quebrar muitas barreiras dentro de mim. Fui aprendendo a respeitar as diferenças. Tive muitas experiências boas”.

Profissão: perigo

Para Mauro, o risco era um divertimento na época. “Eu perdi um carro, fui assaltado, fiquei quatro horas dentro do porta-malas dele. Nessas quatro horas, pensei em muitas coisas, pude rever alguns pontos. Eu tenho quatro filhos, um com cada mulher. Então, voltei a valorizar um pouco mais isso. Eu trabalhava muito e vi o que era realmente importante na minha vida. Eu sabia do risco que tinha de morrer naquele dia. Como ficaria a minha vida se eu morresse naquele momento? Será que os filhos estão preparados? Eu fiz tudo que deveria? Qual a imagem que eles vão ter de mim? Essas coisas eu aprendi”.

Sala de Leitura



O **Último Leitor**, de Ricardo Piglia (Companhia das Letras, 2006, 193 p.). O argentino, Ricardo Piglia, professor de literatura latino americana em Princeton University nos conduz,

através de seis delicados capítulos, por um itinerário de leituras e leitores. Comenta Dom Quixote como leitor de aventuras de cavalaria, passando pelo Borges¹, Joyce e os outros leitores cegos, figuras antológicas de leitores

¹ **Jorge Luiz Borges** (1899-1986): escritor, poeta e ensayista argentino, mundialmente conhecido por seus contos. Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia, em narrativas fantásticas onde figuram os "delírios do racional" (Bioy Casares), expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos. Ao mesmo tempo, Borges também abordou a cultura dos Pampas argentinos, em contos como O morte, O homem da esquina rosada e O sul. Sobre Borges, confira a edição 193 da *IHU On-Line*, de 28-08-2006, intitulada Jorge Luiz Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério. (Nota da *IHU On-Line*)

fictícios como o de Hamlet que entra em cena com um livro debaixo do braço, ou o Bloom do irlandês que, naquele memorável 16 de junho, acorda buscando um livro entre as roupas desarrumadas do seu quarto. Analisa Kafka como leitor, Anna Karenina, Madame Bovary, Poe, Proust entre outros. Mas o capítulo que mais me impressionou é o dedicado a Ernesto Che Guevara, baseado em uma fotografia instantânea onde este, trepado no galho de uma árvore, em plena selva boliviana, se concentra na leitura. No final dos seus dias, perseguido pelo exército boliviano, desprende-se de toda carga e aferra-se a seu ultimo tesouro: uma pasta de livros e escritos. O livro do Piglia nos faz pensar na relação entre a vida lida e a vida vivida. A vida plena da leitura.

Prof. Dr. Alfredo Culleton, da Unidade Acadêmica de Ciências Humanas da Unisinos.

Carta do leitor

Caríssimos,

Parabéns pelo último *Caderno IHU em Formação* sobre Foucault. Está excelente e dá continuidade à tradição de publicações do IHU que conciliam profundidade, instigação à pesquisa e escolha de pensadores muito relevantes. Belo trabalho.

Um abraço,

Gilberto Dupas (Coordenador-geral do Grupo de Conjuntura Internacional da Universidade de São Paulo (USP) e presidente do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais - IEEI)

Paulinho Brand

Apaixonado pela família, Paulinho Brand fala com muito amor das lembranças com seus filhos. Morador de São Leopoldo, sente saudades da terra natal, São José do Sul, onde deixou seus pais. Agarrou as oportunidades da vida com todas as forças e alcançou o sonho de estudar. Hoje, como funcionário no setor de suprimentos da Universidade, se tornou referência de trabalho com competência: “Para mim a Unisinos é um projeto de vida. Estou satisfeito aqui e sei que posso ajudar muito”. Conheça um pouco mais deste funcionário da Unisinos na entrevista a seguir.

Origens - Nasci em Montenegro, há 39 anos, mas sou de Dom Diogo, que na época pertencia a Salvador do Sul. Hoje somos um município que se chama São José do Sul. Estamos na segunda gestão municipal, lideradas por pessoas muito empenhadas e dedicadas.

Família - Somos sete irmãos em casa, cinco homens e duas mulheres. Meus pais são agricultores. Meu irmão mais velho logo foi para o seminário, e as minhas irmãs foram cedo cuidar crianças na casa alguns parentes, então fiquei como o filho mais velho.

Infância - Como filho mais velho, desde cedo, entrei na rotina da roça. Tratava os porcos, o gado, limpava o pátio, tratava tudo antes de ir para a roça. O meu sonho até os 20 anos era ser agricultor.

Educação - Desde os seis anos, freqüentamos uma escola particular, São Francisco de Salles, onde meu avô por muitos anos foi o único professor. Ele lecionava aulas da primeira à quinta série, todos em uma única sala. Daí em diante, estudei em São Salvador do Sul. Sentíamos

muita dificuldade, pois íamos todo o dia de ônibus e muitas vezes não tínhamos dinheiro para pagar a passagem. Diante disso, eu ia à cooperativa pedir ao gerente para me adiantar dinheiro para comprar um bloco de passagem. A dívida era abatida dos produtos que vendíamos à cooperativa. Depois que concluí o ginásio, fiquei trabalhando na roça, até os 21 anos.

Dificuldades - Tivemos um período de muita seca, quando não colhíamos nada. Minha mãe sempre me falava: “Paulinho, tu podes fazer coisas melhores do que isso”. Ela me via trabalhando, mas achava que eu era capaz de fazer mais. Ela pensava que, como eu varria o pátio bem pela manhã, eu poderia fazer outras coisas.

Primeiro emprego - Quando eu tinha 21 anos, um amigo que trabalhava em um atacado de São Leopoldo como motorista me chamou para fazer um teste. Na entrevista disse que gostaria de fazer qualquer coisa no trabalho, então comecei descarregando caminhões e carretas. Trabalhei quatro meses no atacado e fiz muitas amizades.

Lar - Fui morar com sete pessoas em um apartamento próximo ao trabalho. Era divertido, éramos todos jovens. Logo após fui morar na pensão de uma senhora, que não permitia que levássemos gurias para casa. Era um lugar de muito respeito, de que gostei muito. Ao lado, ficava um terreno que eu costumava capinar, em troca do aluguel da pensão.

Mudança - Depois de um tempo, surgiu a oportunidade de ser cobrador de cargas. Era um cargo de responsabilidade. Eu lidava com dinheiro, cheques e recibos, e, ao fim do dia, prestava contas. Isso foi muito bom para mim. Tive a oportunidade de conhecer diversas cidades do nosso Estado, como Arroio dos Ratos, Caxias do Sul, Charqueadas, Farroupilha, Bento Gonçalves, Porto Alegre.

Lembrança - Quando vim para São Leopoldo, procurei logo um colégio para realizar o 2º Grau. Meu gerente no atacado pagou minha 1ª matrícula. Eu trabalhava de dia e estudava à noite. Meus colegas, por eu ser muito empenhado no trabalho, me chamavam de “alemão carneiro”, mas eu não sabia o que era isso. Um dia perguntei o que era: puxa-saco, caxias. Certo dia, meu colega não parava de me chamar por esse apelido e começamos a brigar no meio de uma entrega.

Oportunidade - Certa vez, observando as notas fiscais, vi que iria fazer uma entrega na Unisinos, que eu já conhecia de nome, mas nunca tinha entrado no *campus*. Quando vim aqui, fui até o restaurante universitário e conversando com o responsável pelo recebimento, indaguei sobre a universidade. Ele percebeu meu interesse e sugeriu que eu deixasse um currículo, que ele entregaria ao chefe. Depois de algumas semanas, fui chamado para trabalhar no estoque do restaurante universitário. Mesmo ganhando menos que no meu

emprego anterior, aceitei pela oportunidade de cursar uma faculdade.

Administração - Fiz teste vocacional e, dentre os vários resultados apontados, optei por Administração de Empresas. Formei-me em 1998, quando comecei a Pós-Graduação em Finanças. Além disso, fiz alguns cursos de capacitação. Hoje estou terminando o MBA em Logística e Operações de Manufaturas e Serviços.

Iniciativa - Logo que comecei no trabalho, organizamos os alimentos nas prateleiras por tipos, enlatados, cereais, açúcares etc. Eu já fazia isso como agricultor, então trouxe essa experiência para meu emprego na Unisinos. Nas minhas horas de folga, minha chefe me convidava para ser garçom em festas e eventos da Universidade, onde tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas. Um dia, surgiu a vaga no departamento de patrimônio e, como eu cursava Administração, fui indicado por um conhecido.

Reviravolta - Na época em que eu cursava Pós-Graduação em Finanças, aconteceram alguns problemas no setor de Estoque e eu fui convidado para trabalhar lá. A mudança deu resultados, e, em 2003, entrei para o projeto Sinergia. Gostei do trabalho, mas surgiram complicações no Setor de Suprimentos e fui convidado para o trabalho. Nesse setor, estou até hoje. Na trajetória profissional, fiquei quatro ou cinco anos em cada setor da Universidade.

Casamento - Conheci minha esposa, Odete, quando ainda morava em Dom Diogo, mas acabamos nos distanciando, tendo cada um seguido o seu rumo, porém, mais tarde, acabamos nos reencontrando em um baile, e o namoro acabou em casamento.

Filhos - Tivemos nosso primeiro filho, Guilherme.

Curtimos muito nossa gravidez, fizemos curso para o primeiro filho. Uma noite, minha esposa acordou com muita dor. Nossa médica recomendou que eu a levasse para o Hospital Centenário. Chegando lá, enquanto eu fazia o cadastro, os médicos atendiam minha mulher em outro andar. Quando subi para vê-la, escutei um bebê chorando e falei: esse é meu filho. Minutos depois estava com meu filho nos braços. Depois de algum tempo, nasceu minha filha, Débora. A melhor decisão que tomamos foi esta: priorizar nossos filhos. Para mim, ser pai é uma realização, um sonho concretizado.

Valores - Quero ensinar aos meus filhos como ser uma pessoa simples, amar ao próximo, cuidar dos animais, ter ética, ter valores, ter fé. Esse é meu caminho. Se eu conseguir passar isso, vou me sentir completamente realizado.

Livro - Estou cursando MBA em Logística e gostei muito quando li o livro do autor Taiichi Ohno, *O Sistema Toyota de Produção - Além da Produção em Larga Escala*, que fala sobre sistemas japoneses de produção. Achei um dos melhores livros que li nos últimos tempos. Meu professor pediu para fazermos uma reflexão dessa obra sobre nossa realidade. Ele conta a história da indústria japonesa com a preocupação contínua com a eliminação dos desperdícios, a importância de profissionais multifuncionais que conseguem trabalhar bem em equipe e, por fim, a compreensão e participação de cada indivíduo para alcançar os objetivos da empresa. Também aborda o tema de se tomar decisões baseadas em fatos reais, e os impactos gerados por uma decisão incorreta.

Autor - Gosto muito do falecido Peter Drucker. Tenho livros, vídeos e DVDs dele. Gosto de qualquer trabalho dele.

Filme - Sou apaixonado por filmes infantis. No vídeo *Spirit*, que trata sobre a vida de um cavalo que cuida dos amigos e da família, cheguei ao ponto de chorar.

Sonho - Eu quero ainda morar com a minha família no meu município de origem e ajudar a minha cidade. Quero devolver esse meu crescimento para o lugar onde nasci.

Horas Livres - Quase todos os fins de semana livres, visitamos meus pais no interior, onde eu aproveito para trabalhar na terra.

Coral - Temos um coral na família, formado basicamente por homens, até já gravamos um CD. A gravação foi feita nos estúdios da TV Unisinos. Já realizamos vários encontros de corais e nos apresentamos em vários municípios e escolas da região. Além disso, desde que estou trabalhando na Unisinos, participo e canto no coral de funcionários, hoje denominado Vocal Phoenix.

Brasil - Vejo um país de grandes oportunidades. Quando fiz pós-graduação em Finanças, e agora no MBA em Logística, vi um país promissor. Logística é um ramo ainda novo, quem sabe quantos profissionais ainda podemos formar que poderão ajudar o País, que ainda irão mostrar o seu valor. Infelizmente, no Brasil, não confiamos no governo, que tem pouca credibilidade e dignidade. Mesmo assim, podemos ainda fazer muitas coisas boas.

Unisinos - Pra mim a Unisinos é um projeto de vida. Estou satisfeito aqui e sei que posso ajudar muito, evoluir, dando a minha contribuição. As pessoas vêm a Unisinos como algo muito grande, exuberante, mas também como um lugar muito fechado. Essa visão para mim é um problema, acho que precisamos nos aproximar mais das pessoas e do contexto onde estamos inseridos.

Graças a Deus, estamos contornando esta fase, sendo estimulados e desafiados pela nova Reitoria, que, do seu próprio jeito, se faz muito presente na gestão e na vida universitária.

Instituto Humanitas - Sou fã desde a primeira edição da revista. Sempre tive muita simpatia pelo IHU. A

palavra Humanitas sempre me cativou. As pessoas que trabalham desde o início do instituto são pessoas muito boas, comunicativas, com o lado humano bem desenvolvido. É um lugar muito importante para a Universidade.